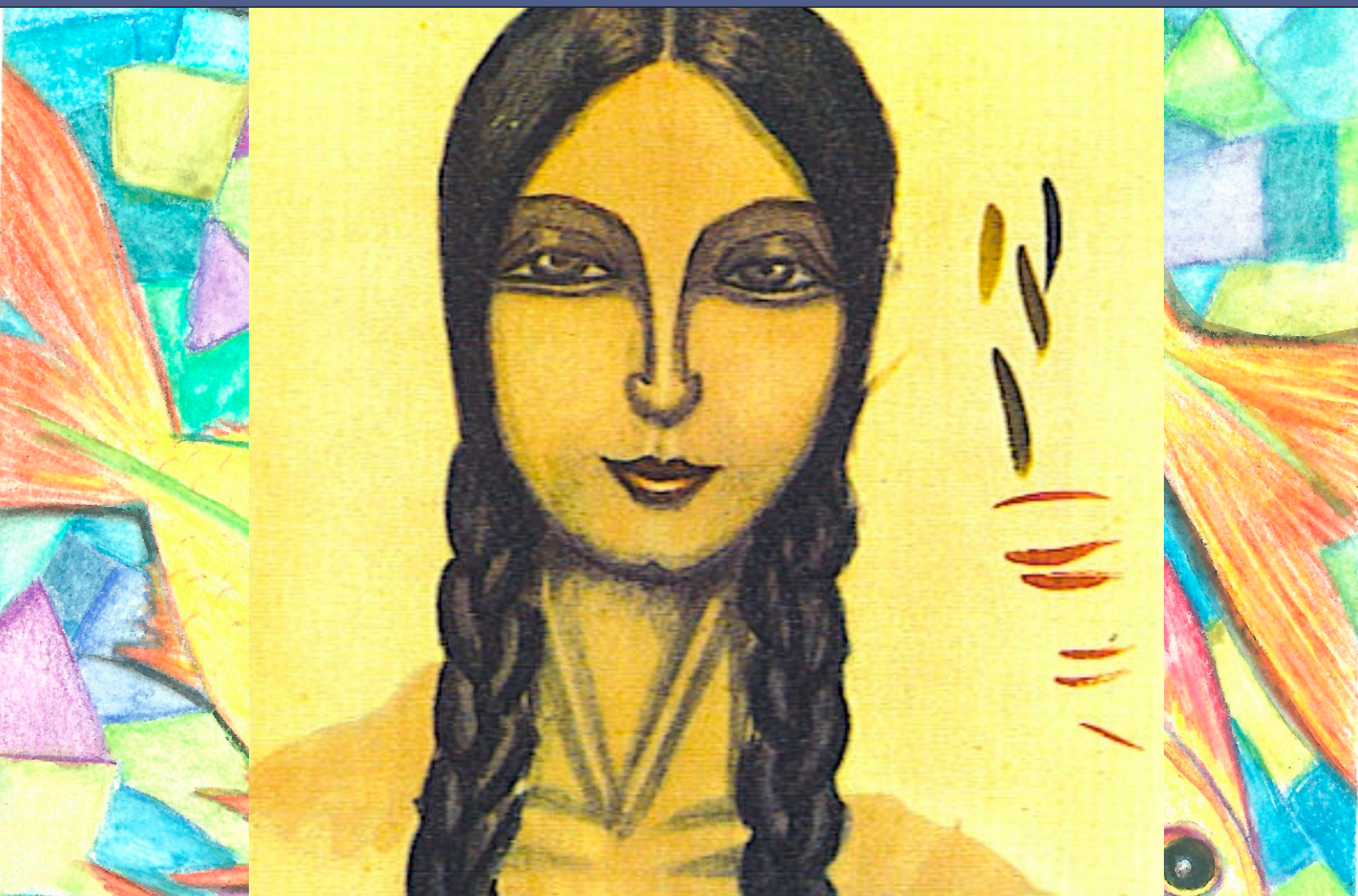


revista

Carbante

EDIÇÃO ESPECIAL - ANO I - Nº 02 - 18.06.2012



Dossiê

Florbela Espanca

Organizado por Márcio de Lima Dantas

APRESENTAÇÃO

Embora dotada de uma escritura inesgotável do ponto de vista exegético, algumas coisas que se dizem acerca de Florbela Espanca já são lugares-comuns, haja vista ter plasmado nos seus sonetos o *topos* mais comum da lírica ocidental: o amor. A poeta riscou no chão da história da literatura uma verdadeira cartografia do entorno semântico de um sentimento legado pela História como o justificador da existência, como algo dotado de uma espécie de mística capaz de nos completar, como o principal minério que compõe o nuançado campo onde floresce o amor e suas arestas fronteiriças de quase todas as emoções integrantes do humano. O amor faz fronteira com tudo de bom e tudo de ruim no humano. Está certo. Tudo bem. Mas será que poderíamos nos permitir pensar que o amor em Florbela Espanca pode ter um outro viés interpretativo? Não haveria a possibilidade de o amor ocupar o lugar de uma falta, de uma hiância, da sempre impossibilidade de um equilíbrio completo da sempre buscada, a desejada, a chamada felicidade? O amor, então, não seria o Amor, mas ocuparia uma outra função. Bem claro: uma metáfora para simbolizar a perfeição. Nesse sentido, o amor seria como a linha do horizonte: quanto mais nos aproximamos dela, mais se afasta. Eis o que a poeta de *O livro de mágoas* estava à procura: de uma absoluta completude, de provar ideia de Deus como espaço do perfeito, de travar relacionamento íntimo com pessoas que estivessem de acordo com suas expectativas, com sua maneira de enxergar o mundo, com suas veleidades intelectuais, com o que julgava digno de valor. Óbvio que o projeto de vida – associar a felicidade ao bem estar com alguém – teria que ser baldado. Ninguém nunca foi banda de ninguém. No máximo, um naco, uma parte, uma nuance. Não causa espanto o suicídio da poeta, ainda tão jovem. Estava emparedada, num beco sem saída. Nada existe em absoluto, tudo é relativo. Mesmo o simples, o parco, com nossa capacidade de tolerar os defeitos alheios, com muita paciência, infinita, com compaixão para com as limitações do outro, ainda nos custa muito extrairmos um tanto de alegria dos dias com seus trabalhos. De toda maneira, é possível. Sim, eu creio que seja possível. Sim.

Márcio de Lima Dantas

Organizador



*Miniam
2010*

Florbela e suas relações de afeto

Charles Targino da Silva

Aluno do 6º período do curso de graduação em letras portuguesa e bolsista do PIBID

Esse trabalho tem com objetivo falar sobre as relações de afeto de Florbela com as devidas pessoas que lhe marcaram amorosamente, amigavelmente e afetivamente em sua vida tão conturbada de incertezas. A princípio têm as relações com seus familiares mais próximos, que eram seu pai e seu irmão; e, posteriormente os seus casamentos conflitantes e de seu desafeto consigo mesmo em questão do “amor”.

Florbela Espanca foi uma poetisa que em suas obras procurou explicar vários sentimentos em relação à sua vida pessoal e de quem vivia ao seu redor.

A relação de amor de Florbela com seu pai era um “amor amargo”, pois ela adora suas plenitudes de pai presente ao longo de sua infância e parte de sua adolescência. No entanto, dentro de seu coração lá no fundo, continha um traço de revolta perante a atitude tomada pelo seu pai no momento em que Florbela nasceu. Essa atitude foi há negação dele na hora de registrar com filha legítima. Esse ato feito pelo pai, fez com que ela crescesse com essa possível magoa no coração que demoraria muito tempo para apagar.

Nas cartas que Florbela destinava para seu pai, ela não demonstrava esse amargo sobre o fato acontecido no passado, e ela também tinha certo receio de pergunta por que motivo ele não registou com filha legítima dela. Esse transtorno pode ter desencadeado na poetisa um sério colapso em questão do que ser amor de fato, se é um sentimento verdadeiro ou é apenas com uma “primavera”, na qual às folhas caem e posteriormente nascem outras para lá ficarem.

Por outro lado, a relação que Florbela tinha com seu irmão *Apele*, pode se, entendida como forma de consolo por falta ou omissão de um amor verdadeiro que o pai dela deixou de dar. A relação de Florbela e seu irmão se concretizavam de forma tão íntima que podemos constar o maior dos amores em vida da poetisa. Esse amor ferrenho por seu irmão pode se também entendido como uma fuga para os relacionamentos mal

sucedidos ao longo de sua vida degradada e isolada por ela mesma. Com o possível suicídio do irmão, Florbela perde uma parte de seu coração e de sua própria vida amorosa e amigável, isso tudo porque *Apeles* era um amor para as paixões, amor para consolo e possivelmente um amor eterno que preenchia o vazio dentro do coração da poetisa.

Em relação à afetividade de Florbela com seus maridos, podemos enfatizar que foi bastante conturbador e de interesse por parte dela. Ela, sem via das dúvidas, era desprovida de amor no coração em relação aos seus maridos; a poetisa casou com seus cônjuges para poder obter uma proteção ou estabilidade financeira em provimento de uma vida nas letras, porém seus relacionamentos não duravam muito pela nítida falta de amor e comprometimento de amar o próximo. Esse sentimento de desamor pode ser bem definido nos dois primeiros casamentos de Florbela, no entanto, em seu último casamento aflorou aquele restinho de amor que estava escondido dentro de seu coração. Esse amor por vez pode ser com forma de segurança ou proteção de sua vida física e psicológica já bastante debilitada pelas suas decepções existenciais. Ainda relacionado com os maridos, pode-se analisar um amor nulo perante os mesmo.

A vida afetiva de Florbela é muito conturbada perante traumas que o assolava desde cedo. Esse trauma possibilitou amores confusos, troca de padrões em relação ao papel de amar e, o real significado da vida em sociedade. Isso permite concluir que a vida dessa poetisa foi regradada de muitas poesias relacionadas aos seus entes queridos e seus desafetos psicológicos ao longo da vida.



Caleidoscópio de Floberla

Deise Belizário Terto

Como falar de Floberla Espanca quando todos os temas já foram abordados, mais que isso, como falar de Floberla Espanca sem ser repetitiva ou cair no erro de visualizar o mito por um único ângulo? Temendo essas questões resolvi visualizá-la através de um caleidoscópio no qual podemos ter uma visão multifacetada do mito que a própria Floberla construiu sobre si. Pois, não podemos descrevê-la pela ótica de um único tema, seja ele sensual, dissimulado, solitário, ou até mesmo biográfico. “A poetisa eleita” que mostrou a si e ao amor de várias formas merece ser descrita da mesma forma como escreveu.

Floberla, mesmo sem querer o ser, foi uma das precursoras do feminismo a meu ver. Rompeu as barreiras do preconceito instaurado sobre as mulheres, por se dedicar a algo até então escrito para “elas”, mas não feito por “elas” e sim por homens. Foi uma mulher pioneira e por isso desafiou a Igreja, ao descrever em sua poesia a sensualidade, o erotismo feminino, e ao comparar o homem a um deus: “[...] *Que tu és como Deus: Princípio e fim!...*”, o que fez recair sobre si críticas severas tanto da instituição religiosa, quanto dos jornais da época.

Percebemos a inquietude da poeta em relação ao amor e o casamento, em carta a sua amiga e confidente Júlia, Florbela diz que o casamento é “brutal, uma desilusão”. E, no entanto, casa-se três vezes. Vejo essa atitude por dois ângulos, o primeiro deles é um paradoxo; como pode o casamento ser brutal e uma desilusão e se buscar isso incessantemente, através de três casamentos, talvez desde o início, condenados ao fracasso? E mais, como pode falar de um erotismo e “endeusar” o homem, e falar tais coisas do ambiente conjugal? O segundo ângulo é; a ótica da solidão seria ela tão solitária ao ponto de aceitar tal brutalidade para não ficar sozinha, porque acreditava num ideal de amor acima do desejo da carne? Pois, seus casamentos foram todos com homens que cuidavam de outras pessoas, seria essa a forma encontrada para ser cuidada e se sentir amada? Questões que são trazidas à tona quando resolvemos conhecer um pouco mais sobre a poeta Florbela.

A partir dessas questões é possível supor que Florbela, assim como descrevia em alguns de seus sonetos, guardava dentro de si um amor idealizado, que vai além do desejo da carne, um amor poético. Pode-se dizer que Florbela, pela sua obra, fez par com Fernando Pessoa, o próprio Pessoa cita: “[...] *alma sonhadora, irmã gêmea da minha!*”. Fernando Pessoa dedicou sua vida à poesia, quando ele diz isso de Florbela, é para figurar que ambos eram iguais com relação à poesia.

Citei anteriormente que Florbela construiu sobre si um mito, era, pois, tão performática que dramatizava a vida, assim como o fez na hora da morte. O fundamento de sua arte estava na representação, fazia uso da arte para desmembrar sentimentos era a mimese em pessoa e no mundo da fantasia mostrou para todos diversas facetas; a da Florbela mulher, da Florbela sensual, da Florbela solitária, da Florbela dissimulada e muitas outras que podemos perceber e visualizar através de suas imagens, tanto as físicas quanto as poéticas: “[...] *A sombra entre a mentira e a verdade...*”.

Bachelard em seu livro “A poética do espaço”, vai nos dizer que a poesia por si só não precisa ser relacionada com a biografia do autor, mas no caso de Floberla torna-se quase impossível

não fazer essa ligação. Especificamente no caso de Flóberla vida/poesia e biografia estão intimamente ligadas. A poeta foi performática na vida e na morte. Em vida, a maioria de suas fotografias são posadas para mostrar toda a sensualidade, toda a feminilidade da poeta, da personagem Florbela, do mito Florbela. E na hora da morte conservou-se bela para manter a performance até o fim.

Após a trágica morte de seu irmão Apeles, Florbela não acredita ter mais força para ficar em um mundo, no qual qualquer coisa deve ser melhor, despede-se da vida no mesmo dia em que nasceu, como para rebelar-se a uma existência, agora sem motivo, suicida-se para ser um ato final de uma vida. Florbela dramatizou a vida e o fez também na hora da morte. Fim trágico, digno de uma tragédia grega, talvez tenha sido essa a intenção da poeta, ou simplesmente cansou-se da vida após deixar consolidada uma obra que duraria mais que sua breve vida, com sua obra Florbela deixou seu nome escrito na literatura, desse modo deixo aqui uma pergunta, será que ela realmente morreu naquele dia ou simplesmente deixou seu nome escrito na história?

Referências:

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ESPANCA, Florbela. **Diário do último** ano seguido de um poema sem título. Prefácio de Natália Correia. Lisboa: Livraria Bertrand, 1981.

FIGUEIREDO, Carlos (Org.). **100 poemas essenciais da língua portuguesa**. Belo horizonte: Editora Leitura, 2004.



Miriam
2009

Sentimentos macerados

Por Eriberto Cirilo de Santana

Graduando do 8º período em Letras pela UFRN

A vida de Florbela Espanca, de certo, é fonte de imensurável riqueza para estudiosos e pesquisadores que queiram se debruçar sobre a profundidade de seus escritos. Sua produção literária está embebecida de aspectos que transfiguram um ser multifacetado, camaleônico, complexo e, ao mesmo tempo, cheio de peculiaridades que direcionam para um entendimento pouco consensual sobre seu caráter e personalidade. Mais que um ser enigmático, Florbela muitas vezes se enquadra numa figura mítica em que não sabemos ao certo até que ponto estamos adentrando e/ou saindo na zona fronteira entre o divino e o humano, falo no sentido da amplitude de subjetividade que paira sobre um mesmo ser, algo que foge do conceito prototípico atribuído aos meros mortais.

Neste ensaio me posto a observar algumas dessas faces que apontam para uma leitura de um ser que vive subitamente cada dia de sua vida, como se cada momento fosse o último, - considerando que seus poemas e cartas deixam transparecer algo, ou ao menos abre margens, para um registro autobiográfico - essa leitura pode ser sustentada pelas inúmeras vezes que Florbela faz referência à morte e a outros sentimentos de ordem nefastos ou sombrios.

Esse contexto obscuro perpassará toda a sua existência. Em alguns fragmentos contidos no “diário do último ano” é possível encontrar alguns contra pontos a essa descrição sombria atribuída aos sentimentos de Florbela, todavia não passam de lampejos, momentos em que ela se transfigura em um elemento de radiante intromissão perante as coisas que não lhe pertencem em essência, quais sejam; a felicidade, a alegria, o amor ingênuo, a feminilidade inocente, etc. Como se tudo não passasse de um truque, dissimulação, simulacro de quem sabe muito bem o quer, e esse querer não passa pelo crivo da fragilidade dos sentimentos enaltecidos como bons por uma sociedade que ela não se importava nem um pouco em agradar ou estar em comunhão.

Seus sentimentos apresentam-se, em boa parte da sua produção, como um doloroso processo de busca incessante por algo que conota ser desconhecido até mesmo por ela. Essa busca parece ser inerente à dimensão transcendental, onde a matéria já não pode dar conta das coisas que são desejáveis, sendo necessário para tanto uma experiência que exceda toda substância metafísica, que remeta a um estado de sublimação, e para isso a morte apresenta-se como solução primeira. Não que Florbela enxergasse o óbvio, até mesmo porque a lógica cartesiana não combina em nada com sua personalidade, mas, agindo assim, a morte lhe proporcionaria o desprendimento não só da consubstancialização do corpo como também seria a forma ideal para dizer aos que ficavam, inclusive a nós, que todo e qualquer espírito inquieto, revolucionário pode tornar possível à quebra de qualquer paradigma inserido na sociedade, inclusive o de não saber precisar o dia de sua morte.

No soneto “Eu”, Florbela quando trata desse núcleo ideativo nos remete a um universo alheio, imerso de sentimentos de quem tem um olhar diferenciado sobre a vida, que não teme os meandros e engendros que perpassam a condição humana em suas relações com seus semelhantes. Todavia,

esse universo particular, passa a condição da esfera pública na medida em que vislumbramos não mais a vida de outrem apenas, mas a real imagem daquilo que somos quando despidos da moral impelida ou imposta pelo meio que vivemos. Ao escrever “*Impele brutalmente para morte! Alma de luto sempre incompreendida!...*” Florbela transcreve a condição que parece ser vivenciada, continuamente, pela sua alma: irresistível atração que em tudo lhe aproxima da morte. Vítima (voluntária?) de uma dor macerante capaz de moer até as mais profundas entranhas do ser, Florbela comporta em si elementos que desvincula sua obra do enquadramento convencional de qualquer escola ou corrente literária. Sua fértil mente inventiva nos proporciona inferir coisas sobre o a condição humana, capazes até de reportar o amor à condição trivial. Ela nos afere a graça da dúvida sobre a suposta beleza da vida, desenha um novo quadro, constrói um cenário onde as expectativas de felicidades já não comportam mais os valores contidos nos conceitos tradicionais, nos direcionando para um universo de simulacros, invenções forjadas sem a claridade das mentes satisfeitas.

Em uma sociedade tão homogênea de caráter, de valores burgueses e conceitos morais farisaicos, Florbela segue a contramão desse fluxo quebrando com todas as expectativas de uma família/sociedade que esperava ver nela, assim como em todas as outras mulheres, um espírito submisso, recatado a boas maneiras e comedido aos serviços domésticos. Florbela pertencia há um tempo e um espaço diferente de seus contemporâneos, tudo aos seus olhos era um convite à melancolia, a solidão, a amargura, e assim a “castelã de tristeza” deixa-se consumir pela sua própria dor, advinda não, meramente, de experiências desagradáveis ao longo de sua “curta” existência, mas da inesgotável sede de contradição dos fatos como se mostram e de querer aventurar-se por caminhos tenebrosos, indesejados para a maioria dos mortais.



Handwritten signature and date: *Alamy 2012*



Torre de névoa

Subi ao alto, à minha Torre esguia,
Feita de fumo, névoas e luar,
E pus-me, comovida, a conversar,
Com os poetas mortos, todo o dia.

Contei-lhes os meus sonhos, a alegria
Dos versos que são meus, do meu sonhar,
E todos os poetas, a chorar,
Responderam-me então: “Que fantasia,

Criança doida e crente! Nós também
Tivemos ilusões, como ninguém,
E tudo nos fugiu, tudo morreu!...”

Calaram-se os poetas, tristemente...
E é desde então que eu choro amargamente
Na minha Torre esguia junto ao céu!...

Florbela Espanca

O Limbo de Florbela Espanca:

ensaio sobre o poema Torre de névoa

Francisco Freire de Amorim Segundo

E vegno in parte ove non è che luca.

Dante, Inferno, IV, 151

Em suas memórias, Nadezhda Mandelstam relata como seu marido, Osip, e sua amiga, a também poeta Anna Akhmatova, se relacionavam com os escritores mortos:

M. e Akhmatova tinham ambos a assombrosa capacidade de transpor de algum modo o tempo e o espaço quando liam a obra de poetas mortos. Por sua própria natureza, essa leitura é geralmente anacrônica, mas com eles significava entrar num mundo de relações pessoais com o poeta em questão: era uma espécie de conversa com alguém que há muito se fora. (MANDELSTAM apud PROSE, 2008, p. 26)

Na história da literatura, esses encontros, realizados em zona fantasma, são frequentes. Podemos atestar sua ancestralidade em Dante, na Divina Comédia, na passagem do Inferno em que o florentino visita seus pares no nobre castelo do Limbo. Essa conferência, anacrônica e estranhamente crível, é retomada em diversas leituras. Neste trabalho vamos flagrá-la no remoto Portugal do início do século XX, país de glórias passadas e anônimo presente. Vamos flagrá-la em uma poeta tão ciente das formas clássicas quanto de suas fragilidades e iminentes rupturas. Analisaremos aqui o encontro de Florbela Espanca com seus tristes antepassados.

Cotejá-la com *A Divina Comédia* nos será útil em diversos aspectos. Não só para estabelecermos assim a forma como o tema se manifesta em diferentes culturas e tempos, mas também para melhor identificarmos o imaginário poético de Florbela. Começemos, pois, por Dante.

O encontro do florentino com seus antecessores se dá dentro da iconografia católica. Flagramos os grandes vultos do passado no primeiro círculo do Inferno, aquele destinado aos morreram antes que a fé cristã fosse proclamada. Como observa Jorge Luis Borges, em ensaio sobre o Canto IV do Inferno, o lugar inspira um vago horror, com figuras que mais parecem saídas de um museu de cera, quase imóveis, debatendo temas que não somos convidados a ouvir.

“Noites atrás, numa plataforma do metrô na praça Constitución, lembrei-me bruscamente de um exemplo perfeito de *uncanniness*, de horror tranquilo e silencioso, logo no início da *Comédia*. O exame do texto confirmou a exatidão dessa lembrança tardia. Falo do canto IV do *Inferno*, um dos mais conhecidos. (BORGES, 2011)

Esse “horror tranquilo e silencioso” vamos encontrá-lo em Florbela, no estranho poema intitulado *Torre de névoa*. Atentemos para esta sequência de adjetivos e advérbios que trespassam o soneto: *esguia, comovida, mortos, doida, crente, tristemente, amargamente*. Como se vê, estamos longe, aqui, da linguagem seca da poesia realista. Siamo convidados a um mundo inebriante, de

pesadelo. Ainda no primeiro verso, sabemos que a poeta sobe sua “Torre esguia”, seu panteão; um lugar feito de “fumo, névoas e luar”. Não há como não evocar o Limbo. “Tão escuro era aquilo e nebuloso / que, por mais que eu fincasse o olhar a fundo, / o que eu visse restava duvidoso.” (*Inferno*, IV, 10).

Temos, porém, uma diferença significativa: o imaginário católico está invertido em *Torre de névoa*. Ao invés de descer ao inferno, a poeta sobe sua torre que, vamos descobrir no último verso, está “junto ao Céu!”. Esse dado nos aponta toda a desilusão do universo poético de Florbela: o que sustenta o Inferno de Dante é a existência de um Paraíso. Somos movidos pela esperança dessa promessa. Em Florbela, o Limbo não está no primeiro círculo de Inferno, mas em uma das esferas do Céu.

É preciso notar ainda outra diferença fundamental. No Limbo, o florentino conta-nos de “suspiros” e “mágoas” dos que morreram sem batismo. Mas quando do encontro com os vultos da antiguidade, Dante admite sua glória. Somos informados que Homero, Horácio, Ovídio e Lucano saúdam os recém chegados. Dante recebe a honra de ser admitido entre eles, tornado-se o sexto (ao lado de Virgílio) entre “tanto saber” (*Inferno*, IV, 102). Florbela, porém, depara-se apenas com os suspiros; sua ilusória alegria é contraposta ao coro de lágrimas: “Que fantasia, / Criança doida e crente! Nós também / Tivemos ilusões, como ninguém, / E tudo nos fugiu, tudo morreu!...”, dizem os poetas mortos.

Prosseguindo seu relato sobre os encontros de seu marido e da poeta Akhmatova com os seus predecessores, Nadezhda Mandelstam conta da obsessão desta última com os pormenores de seus mortos:

Akhmatova, ao ressuscitar as figuras do passado, estava sempre interessada no modo como viviam e em suas relações com os outros. Lembro como fez Shelley reviver para mim – esse foi, por assim dizer, seu primeiro experimento do gênero. Em seguida iniciou-se seu período de comunhão com Pushkin. Com a minuciosidade de um detetive ou de uma mulher ciumenta, ela deslindou tudo sobre as pessoas que o cercavam, sondando seus motivos psicológicos e virando pelo avesso, como uma luva, cada mulher para quem ele havia sorrido. (MANDELSTAM apud PROSE, 2008, p. 26)

Mal somos informados do diálogo de Florbela com seu panteão, na Torre esguia. Sabemos apenas que ela se debulha na alegria dos seus versos, para logo após se decepcionar. Parece ausente aqui essa obsessão por pormenores, que Nadezhda identifica em Akhmatova. De fato, não existem motivos psicológicos, mulheres, vidas. Os poetas mortos, para Florbela, são um coro único, funesto, que a admite (como Dante é admitido pelos vultos da antiguidade). Por fim, todos choram.



Miriam 2013

Poucas palavras sobre Florbela Espanca

Jone Jean de Sousa Correia

Graduando em Letras Língua Portuguesa – UFRN

O meu conhecimento sobre a poetisa portuguesa Florbela Espanca está limitado aos poucos textos lidos neste momento, em virtude disso, sinto a necessidade que preciso obter mais que um simples aprofundamento que ilustre a importância de Florbela como mulher poeta de uma época que não era convencional, assim ser visto e entendido como possível ser aceito, lamentável também é que essa importância e reconhecimento só virá surgir após a sua morte aos 36 anos de idade, inesperada por todos, mas tão declamada por ela em sua poética, mas independente da falta de meu aprofundamento teórico, pretendo com muito zelo e carinho, dizer que sua musa deixa bem claro para meu entendimento, o quanto ela trata do amor, da tristeza e da morte entre outros temas pertinentes a vida, como elementos primordiais na sua interlocução poética, então, para ser mais preciso, me ative a destacar alguns versos sobre a morte que tanto é retratado nos seus sonetos e poemas:

“Morte, minha Senhora Dona Morte

Tão bom que deve ser o teu abraço!”

A partir desses versos do poema “À morte”, Florbela Espanca nos encoraja à possibilidade de pensar sobre a nossa finitude corporal aqui neste mundo, ao contrário do espírito que se torna eterno nas mentes dos homens. Pensar sobre a morte é muito delicado, indesejável para alguns, mas também muito real e necessário as vezes para outros, na verdade precisamos ter consciência disso antes cedo do que nunca. Florbela nos alerta para esse fato e outras coisas mais, no entanto, o que me interessou realmente discutir sobre a poetisa, não será sobre o poema “A morte” propriamente, mas a relação da morte para ela, o quanto a pessoa Florbela a desejava ou não, ou via a morte como um escape para seus pesadelos, problemas pessoais ou apenas uma antecipação do que é certo acontecer conosco, o nosso fim material na terra.

Sabemos que Florbela não seguia uma escola literária, apesar de estar inserido em um contexto de grandes acontecimentos e movimentos literários, como o realismo, o Simbolismo, o começo do pré-modernismo, em que se apresentavam várias características, como o escapismo, decadentismo determinando “uma filosofia da transformação” do homem com suas inquietudes, no entanto, o seu conhecimento poético e independente de ser, afloraria em sua arte, pois a sua preferência pela “quadra em redondilha maior, ao gosto popular” ditaria o seu perfil poético. Mas a sua performance nos alerta a pensar sobre sua poesia com uma visão feminista das coisas, o pensar diferente da “ordem inabalável e convencional” que para a época era muito raro. Em outras palavras, quando digo visão feminista, eu me refiro a tudo aquilo que o homem pensava como prerrogativa masculina segundo Dal Farra, e ser visto por Florbela como sendo também uma prerrogativa para mulher na expressão de seu pensamento: por exemplo, pensar no amor e poder expressá-lo, pensar no erotismo e poder expressá-lo como sendo “princípio do prazer, atribuição feminina”.

Será que essa visão por não ser aceita em uma sociedade machista, seria a causa de sua angústia em vida e fizera tentar o suicídio varias vezes?. Isso seria uma das hipóteses para o fim de Bela? Outra ideia, poderia ser a poesia servindo como passagem para outra dimensão, como diria Cícero “filosofar é preparar-se para a morte” poetizar também teria esse caráter preparatório como a filosofia? O interessante é que poderemos visualizar vários caminhos para esse prematuro fim que Florbela lhe impôs e que será realizado.

O livro de mágoas aparentemente nos revela toda a sua razão de não existência, pois sempre mostra o seu lado triste, desiludido e sempre evocando a morte que “ganha uma avaliação positiva” segundo Dal Farra “de universo liberto das cadeias da convenção, das hierarquias, das referências codificadas, da proibição, das restrições”. No soneto “Dizeres íntimos” ela anuncia o seu futuro com o destino pré-estabelecido pelo seu eu lírico “É tão triste morrer na minha idade” o que nos evoca pensar que Florbela sempre imaginou o seu último dia, para ela não existia certa duração normal da vida segundo Montaigne, as suas revelações poéticas sobre a vida já conduziam para o fato, que “já constituem o póstumo *Reliquiae*” apêndice de Charneca em flor, uma de suas últimas obras primas.

Muitos acontecimentos desde sua infância como a morte de sua mãe e de seu irmão querido, as decepções amorosas e sua doença constatada, tudo isso, coadunasse minando a sua resistência física e mental. Na verdade a sua morte foi cercada de mistério, aparece a doença como *causa mortis*, a não aceitação do suicídio por parte da família, prevalecendo assim, a versão da morte natural. Em seu “Diário de último ano”, se constata a sua revolta em vida, o eu lírico refutando a sua existência “*Compreendi por fim que nada compreendi que mesmo nada poderia ter compreendido de mim*” (p.33) e esse comportamento vai sendo a sua imagem de “solidão em que Florbela está mergulhada”. Essa morte anunciada, confundindo o real com o fictício ou vice-versa será o fim do mimetismo que Florbela vivia construindo e que se revela determinado e consciente da experiência alcançada, assim, ela se despede com “passos, silenciosos e seguros” e diz que “não haver gestos novos nem palavras novas” apenas o nosso olhar para a beleza poética de sua obra encantadora.

REFERÊNCIAS

ESPANCA, Florbela. *Sonetos*. 11º Ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000

DAL FARRA, Maria Lúcia. *Afinado Desconcerto: contos, cartas, diário*. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2002.

ESPANCA, Florbela. *Diário do Último ano*. Amadora: Bertrand Editora, 1981.

MONTAIGNE, M. de. *Ensaio. Livro segundo*. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 158 (Os pensadores)



Obra, Vida, Arte: Florbela

Lêda Cavalcante do Rosário

Graduanda em Letras de Língua Portuguesa - UFRN

Muito se pode falar de Florbela Espanca, as controvérsias e dilemas, o seu egocentrismo, do erotismo e prazer feminino declarado para sua época, a linguagem poética, como também da citação de cores escuras, como as cores cinza e preta, cores fúnebres, ainda de como ela moça se transfigura na mulher sedutora e para morte; ou da sua nostalgia e seus enlevos dramáticos ao falar por vezes de maneira simples e por vezes de maneira mais complexa de seus sentimentos. Também, se pode falar da dor que perpassa a sua leitura. Porém, passo apenas a refletir a impressão de que tive ao ler sua obra, de ter lido a sua alma. Obra ou autora?

Florbela Espanca nasceu em Vila Viçosa, a 8 de Dezembro de 1894, sendo batizada, com o nome de Flor Bela Lobo, a 20 de Junho do ano seguinte, como filha de Antónia da Conceição Lobo e de pai incógnito. Em Outubro de 1899, Florbela começa a frequentar o ensino pré-primário, passando a assinar Flor d'Alma da Conceição Espanca (algumas vezes, opta por Flor, e outras, por Bela). Em Novembro de 1903, aos sete anos de idade, Florbela escreve a sua primeira poesia de que há conhecimento, “A Vida e a Morte”.

Florbela segue escrevendo temas relacionados ao sofrimento, solidão, morte, amor, sendo fria e quente ao mesmo tempo, mas apesar disso há ternura e feminilidade que cativa o leitor. Desse modo, nos seus poemas há sempre angústia e dor resultando na busca da felicidade que parece distante e intocável. Sentimentos e anseios que são próprios da paixão humana. Esse é o debruçar de Florbela Espanca: seu próprio interior.

Florbela é nostálgica, se lamenta, se ama, é egocêntrica. Sabe tudo e ao mesmo tempo parece está à procura de algo inatingível. Falo de Florbela ou de sua obra? Quando há autenticidade, parece haver uma espécie de fusão entre obra, vida e arte. E daí surge a velha pergunta: A vida imita a arte ou o contrário? Lemos Florbela sem nos preocuparmos com a escola literária que ela pertencia, sem nos preocuparmos com o que ela quis dizer, até porque ela não queria dizer outra coisa além do que disse, ela não se preocupava com o leitor, só queria ser poeta e para ela “*Ser poeta é ser mais alto, é ser maior do que os homens*”. E sonha:

“Sonho que sou a Poetisa eleita,

Aquela que diz tudo e tudo sabe,

Que tem a inspiração pura e perfeita,

Que reúne num verso a imensidade!

A sua poesia era uma espécie de desnudamento da alma. Não é assim que a literatura humaniza? Ela escreve com o olhar voltado para seu interior. Não se volta para questões políticas e sociais, ou para o mundo exterior. Quanto mais a lemos, mais vemos sua inquietação: a própria inquietação humana. O que deixa a leitura desobrigada, porque se ela escreve por prazer, sem se preocupar com o que pensa o leitor, é justo que o leitor também a leia desobrigadamente e por prazer. Além do prazer, Florbela parece escrever por necessidade: *“Até hoje, todas as minhas cartas de amor não são mais que a realização da minha necessidade de fazer frases”*. Porque é escrevendo que o poeta se sente vivo e útil.

José Régio a respeito de Florbela, diz que parecia haver nela duas feridas incuráveis: a primeira era a sua insaciabilidade, a segunda foi ser ela de mais para caber uma só.

Insaciável:

“Imagino-me em certos momentos, uma princesinha, sobre um terraço, sentada n u m tapete. Em volta... tanta coisa! Bichos, flores, bonecos... brinquedos. Às vezes a princesinha aborrece-se de brincar e fica, horas e horas, esquecida, a cismar num outro mundo onde houvesse brinquedos maiores, mais belos e mais sólidos”. Diário do último ano.

E, na quadra de um soneto:

“Eu quero amar, amar perdidamente!

Amar só por amar: Aqui... além...

Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...

Amar! Amar! E não amar ninguém”!

Ela parecia não caber em uma só: *“Não, não e não”!* Diário do último ano.

Ela amava, mas aborrecia, falava de sedução e prazer, mas logo retornava a virginalização, pureza própria da feminilidade, como algo pertencente ao Eu, já que via o casamento com um caso de posse, embora tenha casado três vezes. Usava o Eu, mas também mostrava uma busca pelo autoconhecimento, dizia que se conhecia, mas por vezes estava a procura de si como está no seu diário:

“... e realize o que eu não pude: conhecer-me”.

E depois:

“O que tu foste, só tu o sabes: uma rapariga, sempre sincera para consigo mesma”.

Essas contradições não enfraquecem sua obra, ao contrário, revelam a humanidade do poeta, enobrece a arte. Nisso, creio que a obra por vezes se passa pela própria autora, porque o seu compromisso é com ela mesma. Desse modo, há em Florbela uma espécie de contradição: amor/

solidão; humildade/orgulho; vida/morte; afinal, ser poeta “*É ter de mil desejos o esplendor E não saber sequer que se deseja*”! É nesses ingredientes da paixão humana, amor e desamores que sua obra é arte, poesia, embelezamento.

Mas, por que a obra ou o valor do poeta, muitas vezes é percebido postumamente? Segundo Antero:

“Há poetas frios, sombras, que só dizem o que foi dito por outros, mas há poetas presos a formas e estilos, mas há poetas que não são técnicos e têm a poesia com um verdadeiro sacerdócio e para ela vivem. Esses poetas serão lembrados, mesmo que posteriormente e além. Já pensava Homero que o que importa não era a forma e sim ser natural e apenas: dizer”.

E, ainda:

“O único pensamento que liberta o espírito é o que o deixa sozinho, certo de seus limites e do seu fim próximo”. Albert

É o que ocorre com Florbela, falando de dor, amor, angústia, prazer, certezas e incertezas, sedução e pureza, se entrega a seu próprio fim como numa oferenda em busca do desconhecido, muita embora, às vezes temido fim, mas sempre desejado, parecendo ser a saída que ela achara para fim a Tédio, Angústia, Mágoas...

Fecha os teus olhos bem! Não vejas nada!

Empalidece mais! E, resignada,

Prende os teus braços a uma cruz maior!

Gela ainda a mortalha que te encerra!

Enche a boca de cinzas e de terra,

Ó minha mocidade toda em flor!

Se for assim que ocorre, que se consagra um poeta postumamente, como aconteceu com Florbela, está feito. À exemplo de Fernando Pessoa, que sendo muitos era um, Florbela parece ser uma e tanto faz olharmos para ela ou para sua obra, tudo se resume em apenas uma palavra: Arte.

Referências Bibliográficas;

ESPANCA, Florbela. *Sonetos*. 2 ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 2000.

_____, Florbela. *Diário do último ano*. Amadora: Livraria Bertrand, 1981.

QUENTAL, Antero. *Prosas da época*. Coimbra, Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1982.

CAMUS, Albert. *O Mito de Sisifo*.. Rio de Janeiro: Record. 2007.



Florbela Espanca e seu “Diário do último ano”

Por Maria da Conceição Barros de Souza

Graduanda do Curso de Letras – UFRN

Ao lermos o *Diário do último ano*, de Florbela Espanca, o que se vê é uma Florbela desvendada e, ao mesmo tempo, mascarada por si mesma. Aquilo que já tínhamos visto em toda sua obra, funde-se, agora, com uma autoconfissão velada, uma espécie de “decifra-me se puder”. Assim, dia após dia, através de suas anotações, podemos perceber a constância da inconstância de tudo que ela quis para si e a sombra dos fantasmas que a assombraram por toda sua vida.

Ao iniciar o seu diário no dia 11 de janeiro de 1930 com “*Para mim? Para ti? Para ninguém. Quero atirar aqui, negligentemente (...)*” (p.33), Florbela já denuncia seu paradoxismo, já que, se não tinha a pretensão de escrever pensando no que os outros iriam achar, porque então começar o texto dando essa explicação? O mais natural não seria apenas escrever e pronto, sem demarcar que ali, naquele diário ela escreveria de forma livre? Bem, assim é Florbela, um turbilhão de contradições, ora tão segura de si, ora tão insegura, tão certa e tão incerta, tão romântica quanto cética, tão cheia de tudo e tão insaciável... E ainda assim, mesmo dizendo que não tem nenhum propósito ao escrevê-lo, ela espera que ao lermos seu diário possamos realizar aquilo que nem ela mesma foi capaz: conhecê-la.

Não tenho nenhum intuito especial ao escrever estas linhas, não viso nenhum objectivo, não tenho em vista nenhum fim. Quando morrer, é possível que alguém, ao ler estes descosidos monólogos, leia o que sente sem o saber dizer, que essa coisa tão rara neste mundo – uma alma – se debruce com um pouco de piedade, um pouco de compreensão, em silêncio, sobre o que eu fui ou o que eu julguei ser. E realize o que eu não pude: conhecer-me. (p.35)

Continuando a escrever, ela diz que viver não é ficar parado, que não se deve prender-se ao passado, não se pode esperar que os outros sejam como nós, nem que reconheçam aquilo que

somos. A busca pelo Amor, apenas por amar, ou sua recusa por, talvez, não ter encontrado ninguém à altura de seu sentimento, aparece várias vezes em sua obra e também neste diário, ela nos apresenta a sua infinita solidão: “*Sinto-me só. Quantas coisas lindas e tristes eu diria agora a Alguém que não existe!*” (p.37)

Essa ausência de tudo e de todos, que nunca acaba, essa tristeza que nunca se extingue, esse estado permanente de dor, a busca incansável pela tragédia que perdura até à sua morte são apresentados também nesse pequeno relato do último ano de sua vida. O sentimento de mudança das coisas também aflige Florbela, ela relembra com nostalgia dos tempos de faculdade, dos seus colegas, dos sentimentos da juventude com relação ao que viriam a ser, mesmo negando-se a rever esse lugar e aquelas pessoas, para não ter que se deparar com a dureza da realidade destoante dos sonhos de “rapariga”, que a faria não reconhecê-los.

Após essa mesma lembrança acerca das paisagens da juventude e do maravilhamento ainda com a natureza do presente a faz pensar e escrever sobre o esgotamento de sua vida e de sua atividade poética: “*Eu que tenho esgotado todas as sensações artísticas, sentimentais, intelectuais, todas as emoções da minha poderosa imaginação de criaturinha fantástica (...)*” (p.41) Ela parece pensar não ter mais nada a dizer a este mundo.

Ela é aquela que segura um filho imaginário nos braços, que das coisas boas da vida só consegue tirar aquilo que não presta: “*Endiabrada Bela! Estranha abelha que dos mais doces cálices só sabe extrair fel!*” (p.41) A desastrada, a complicadora das coisas, a que vê a morte como solução para todos os conflitos, como um bálsamo para todas as lamentações e frustrações da vida. Num misto de realidade e imaginação em que vivia constantemente, ela desejava ser louca, já que diante das pontes instáveis de incertezas de sua vida “*ser doído é (ra) a única forma de possuir e a maneira de ser alguma coisa de firme neste mundo*” (p.47) Mas, ao mesmo tempo, ela queria agarrar-se a algo que lhe desse segurança nesse mundo real. Ah! Indecisa Bella “*A minha vida! Que gácbis! Se eu nem mesmo sei o que quero!*” (p.47)

Como se via? Para ela, estava magra, sentia-se como uma pedra preciosa não lapidada e com uma beleza indecifrável, misteriosa como uma obra inacabada ou que lhe falta um pedaço. Apresenta ainda outra visão acerca do amor, ao falar de um *Luís* que se gabava por não amar mulher alguma, ela diz que ele não era capaz de corresponder aos sentimentos delas por ele porque

era pobre, incapaz de devolver aquilo que recebia, metaforizando o amor como *pedras preciosas* e prevendo no futuro o seu sofrimento por essa não doação: “*E, quando chegar a morte, terá ignorado os dois maiores prazeres da vida: o prazer de possuir pedras preciosas e o prazer de as dar.*” (p.51) Não teria ele conhecido o verdadeiro prazer, que estava em amar e ser amado.

Como vivia? Florbela entrega-se em seus devaneios: “*Às vezes, a princesinha aborrece-se de brincar e fica horas e horas, esquecida, a cismar num outro mundo onde houvesse brinquedos maiores, mais belos e mais sólidos*” (p.53) Esse mundo já não era o bastante, num outro mundo, para o qual ela de vez em quando fugia, as coisas seriam sempre melhores do que aqui. Daí ela desanima-se e começa a definhar, iniciando sua caminhada para a morte: “*Não tenho forças, não tenho energia, não tenho coragem para nada. Sinto-me afundar.*”(p.55) Assim, ao longo dos dias ela escreve frases, textos, reflexões, pensamentos, mostra-se isolada, mas orgulhosa de si mesma, ainda que os outros não reconheçam suas qualidades e que muitas vezes tenha sido julgada. A morte começa a aparecer como forma de fuga total, permanente, como uma alternativa melhor à este mundo e à esta vida. A morte seria o desconhecido e a forma de saciar aquilo que a vida não conseguiu, uma alternativa de completar-se já que nesse mundo esgotou-se sem a preencher em nada: “*A morte definitiva ou a morte transfiguradora? Mas o que importa o que está para o além? Seja o que for, será melhor que o mundo! Tudo será melhor que está vida*” (p.59)

E assim, admirando a morte, desejando-a, buscando-a, cultuando-a, Florbela concluí seu *Diário do último ano* sem ter mais nada a dizer, encerrando-se também para este mundo tendo preparando-o para assistir o espetáculo de sua morte.

Em 2 de dezembro, o diário assim cala-se: “*E não haver gestos novos nem palavras novas!*” (p.60) Calou-se também Florbela Espanca, assim como no diário, por sua própria vontade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ESPANCA, Florbela. *Diário do último ano*. Amadora: Livraria Bertrand, 1981. (p.31-60)



Miniam
2011

A problemática da condição feminina como matéria-prima para a arte poética em Florbela Espanca

Rafael Aguiar Moura

Em consonância com o pensamento de Dal Farra (2002), acredito realmente que a poesia de Florbela Espanca funciona como uma “literatura viva” ou como uma expressão poética de um caso humano, sendo os aspectos negativos da condição feminina da época responsáveis pelo estímulo à sua poesia. Tais aspectos se subdividem em dois vieses: o sofrimento amoroso e a marginalidade da mulher.

O suplício amoroso é, sem dúvida alguma, uma temática recorrente nos poemas de Florbela. Nestes, o eu-lírico busca sempre chamar para si o mundo que o rodeia, valorizando o amor do ponto de vista da dor que ele provoca, bem como o medo da solidão e da rejeição. Isso pode ser evidenciado no poema *Eu*:

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada... a dolorida...
Sombra de névoa ténue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!...
Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber porquê...
Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver
E que nunca na vida me encontrou!

Esse poema reflete claramente a dor que Florbela sentia em relação ao amor. Nos dois primeiros versos, nota-se como se dá a relação do eu-lírico com o mundo que o cerca: “Eu sou a que no mundo anda perdida, / Eu sou a que na vida não tem norte,”. O sofrimento de Espanca, evidenciado pela presença dos adjetivos “crucificada” e “dolorida”, é tão grande que chega a obrigá-la a seguir em direção à morte. O medo que ela sente da solidão se mostra no fato de ela passar e não ser vista. Em resumo, o soneto revela uma procura incessante por um amor que nunca se concretizou.

De fato, o amor tende a nunca se realizar para uma mulher que não sente prazer durante a relação sexual. Ao longo dos seus três casamentos, Florbela sempre manifestou sua desilusão em relação ao matrimônio em virtude de sua aversão à posse carnal do homem sobre a mulher, considerando o ato sexual uma atitude demasiadamente brutal e animalesca:

“Acho o casamento uma coisa revoltante! E isto por uma única razão, mas que para mim é tudo, para mim e para aquelas mulheres que não são apenas fêmeas: para todas as delicadas, para todas as que têm pudor, espírito e consciência. Essa razão é a posse, essa suprema e grande lei da Natureza que, no entanto, revolta tudo quanto eu tenho de delicado e bom no íntimo da minha alma.” (ESPANCA, 1981, p.15)

Dessa forma, torna-se praticamente impossível a realização de um amor bem sucedido (isto é, concretizado) para Florbela, tendo em vista que esta ainda não conseguiu se libertar do seu “sentimento” de castidade. Tal impossibilidade acaba promovendo um sofrimento amoroso que, inevitavelmente, repercutirá nos poemas de Espanca, seja na temática ou na essência da sua poesia. Essa infelicidade amorosa não é exclusividade dela. Pelo contrário, faz parte da condição feminina numa época em que a mulher não podia sentir prazer durante a relação sexual e não podia manifestar a sua opinião numa sociedade extremamente machista.

É daí que vem a segunda vertente da condição feminina a alavancar a poesia de Florbela: a marginalidade da mulher. Diferentemente da maioria das mulheres que se deixavam levar passivamente pela abnegação e conformismo da histórica condição feminina da época, Florbela Espanca tomou o caminho oposto ao converter essa situação marginal em dom literário, ou seja, ela transfigurou a imagem inativa da mulher em força produtiva para a sua poesia. Como exemplo da paralisação e alienação social dessas mulheres inertes, é relevante mostrar a advertência feita por Virgínia de Castro (1913, apud DAL FARRA, 2002):

“Mulheres da minha terra! Gatas Borracheiras com cérebro vazio, que esperam, sentadas à lareira e com estremecimentos mórbidos, a hipotética aparição do príncipe encantado; criadas graves que passam a vida com as chaves da despensa e a agulha na mão, sem terem a menor noção de economia doméstica nem de higiene; (...) bonecas de luxo, vestidas como as senhoras de Paris e com a inteligência toda absorvida na decifração das modas, incapazes de outro interesse ou de outra compreensão! (...) Pobres mulheres da minha terra!” (p.38)

Dentre todos esses estereótipos, é importante ressaltar que Florbela não se encaixava em nenhum deles. Na verdade, ela sempre procurou questionar os papéis culturais atribuídos às mulheres, enquanto preceitos do pacto social. Tais questionamentos refletem, na prática, uma busca desesperada por uma identidade própria. Essa procura pela identidade pode ser percebida no poema *Vaidade*:

Sonho que sou a Poetisa eleita,
Aquele que diz tudo e tudo sabe,
Que tem a inspiração pura e perfeita,
Que reúne num verso a imensidade!

Sonho que um verso meu tem claridade
Para encher todo o mundo! E que deleita
Mesmo aqueles que morrem de saudade!
Mesmo os de alma profunda e insatisfeita!

Sonho que sou Alguém cá neste mundo...

Aquela de saber vasto e profundo,

Aos pés de quem a Terra anda curvada!

E quando mais no céu eu vou sonhando,

E quando mais no alto ando voando,

Acordo do meu sonho... E não sou nada!...

Após a leitura do poema, é possível notar o sonho que o eu-lírico tem de ser alguém no mundo, isto é, o sonho de ter uma identidade como, por exemplo, ser uma “Poetisa eleita”. Porém, ao acordar do seu sonho, ele se identifica como um “nada”. Essa busca pelo seu verdadeiro “Eu” influenciou inevitavelmente a poesia de Florbela, que se valeu da disputa entre o masculino e o feminino como instrumento de motivação para o seu “fazer poético”. A atitude ativa de Florbela diante da posição marginal das mulheres lhe rendeu muito preconceito nos diversos ambientes que ela frequentou, recebendo inclusive a alcunha de “literata”¹. No entanto, Espanca não se deixou levar pelas ofensas e pelo preconceito, deixando um legado de inquestionável talento artístico.

Portanto, diante de tudo que foi apresentado até aqui, é possível concluir que a “arte poética” de Florbela Espanca teve como matéria-prima (ou como base) os aspectos negativos da condição feminina: o sofrimento amoroso e a marginalidade da mulher. A dor (vista como algo exclusivamente feminino) pela ausência do ser amado passa a funcionar, para Florbela, como um combustível para a sua produção literária, não sendo uma surpresa a constância da solidão na sua poesia. A situação marginal da mulher, que também pode ser vista como um fato suscitador do sofrimento feminino, provoca em Florbela o ímpeto para a sua criação artística. Em suma, pode-se dizer que a condição feminina funciona, para Florbela, como um “diamante bruto” pronto para ser lapidado ou transformado em jóia – isto é, convertido em poesia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DAL FARRA, Maria Lúcia. *Afinado desconserto*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

Diário do último ano. Prefácio de Natália Correia. Amadora: Livraria Bertrand, 1981.

Sonetos. 11ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.



Florbela Espanca vestida com seu hábito de burel de Soror Saudade

Priscilla Freitas de Farias

Bolsista da CNPq

Orientador: Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior

Coorientador: Prof. Dr. Marcio Dantas

Este trabalho tem como principal objetivo fornecer uma interpretação acerca da consciência e sensibilidade saudosista intempestiva na poética de uma das mais célebres sonetista de Portugal, Florbela Espanca, dado ênfase a sua obra intitulada *Livro de Sórora Saudade*, publicado em 1923, considerado um dos mais importantes livros de sonetos que a consolidou como grande poeta na Literatura Portuguesa.

Tomando como referencia teórica de Petter Gay e Norbert Elias, esta pesquisa se inscreve no campo da história dos sentimentos e da estrutura das emoções, no sentido que os sentimentos e as emoções são construídos socialmente, são regulados e regradados pela sociedade, seguem padrões e códigos sociais que, inevitavelmente, modificam-se ao longo da história. Pensando com o sociólogo Norbet Elias¹, vamos tomar a saudade como um sentimento codificado. Por isso, vamos procurar imagens, cores e palavras recorrentes nas poesias de Florbela Espanca, enfim, signo, códigos que expressem como ela sentia e se relacionava com a saudade.

Tomando como referencia teórica Peter Gay, este trabalho se inscreve no campo da história cultural, isto é, tudo que remete ao que o homem faz, produz e transforma. Segundo Gay, história cultural remete a toda "... realização humana que de alguma forma contribui para a experiência pode ser englobada nesta vasta rubrica: as mudanças sociais, o desenvolvimento econômico, a vida em família, as doutrinas religiosas e morais, os receios dos médicos, as mudanças de gostos, a estrutura das emoções, até mesmo a política." ² Neste sentido, buscaremos nas mudanças de comportamento e mentalidade na sociedade portuguesa em pleno processo de transição política da monarquia para república, alguma contribuição para a formação da experiência de Florbela Espanca, levando em consideração que a "experiência é o encontro interrupto entre o que o mundo impõe e o que a mente exige, recebe e reformula" (GAY, Peter. 1988, p.19). Neste sentido, trabalhar no campo da história cultural equivale a enfatizar que o sujeito aprende a partir da experiência e, portanto, a interpretação histórica da experiência de Florbela Espanca, exige a sensibilidade de suas dimensões conscientes e inconscientes, da mesma forma sensível aos efeitos da cultura em sua mente, pressupondo que da mesma forma que o ambiente social influi sobre Florbela, ela também transfere suas experiências íntimas para o ambiente público através de suas obras.

E, por fim, ainda tomando como referência teórica Peter Gay, esta pesquisa se insere no campo da história psicológica, no sentido que vamos construir uma ponte entre a experiência individual e coletiva, estabelecendo uma conexão íntima entre as relações psíquicas de Florbela e a sociedade em que viveu, sem de forma alguma cair no anacronismo psicológico, projetando na mente de Florbela Espanca nossa própria maneira de ver o mundo. Acreditamos que as categorias psicanalíticas abrem ao historiador inúmeras oportunidades de apreender as múltiplas dimensões e estratificações do passado

Enfim, pensaremos a saudades em três categorias básicas: tempo X saudade X história, propondo tomar a saudade como um sentimento que está fundado em um dado contexto histórico, cultural e social, como um sentimento que emergiu da experiência e concepção de tempo que Florbela Espanca admitia. Nesse sentido, falaremos um pouco da biografia de Florbela Espanca, juntamente com o contexto da sociedade em que viveu para, posteriormente, analisarmos suas poesias e tentarmos compreender qual é o sentido dado por Florbela Espanca, nesse livro, ao conceito de saudade, ao sentir saudade, e qual é a sua relação com o passado, com o presente e com o futuro.

De um ardente e desvairado romance extraconjugal entre Antonia Lobo e João Maria Espanca, Florbela d'Alma da Conceição Lobo Espanca nasceu numa madrugada de inverno no dia 8 de dezembro de 1894, em Vila Viçosa. Entre o amor da mãe, do pai e da madrasta – Mariana Inglesa -, Florbela cresceu entre os horizontes abertos cercados por generosas sombras de árvores de olivais na região alentejana central - sul de Portugal -, onde o ritmo de vida é semelhante aos cantos indolentes da região.

Florbela cresceu num contexto muito conturbado da história portuguesa - tanto politicamente, quanto economicamente. No final do século XIX e início do século XX, Portugal atravessava uma grave crise econômica e a monarquia portuguesa era alvo de críticas devido à incapacidade de resolver tal situação. Neste momento de crise nacional, bancos e fábricas foram à falência. A população quando não enfrentava escassez de alimentos, pagava elevados preços devido a inflação. Viviam em péssimas condições, tanto no campo quanto na cidade, e além de receberem baixos salários, tinham que pagar altos impostos para cobrir as dívidas externas. As dificuldades econômicas foram aproveitadas pelo Partido Republicano que, por sua vez, soube identificar a crise que o país vivia com o regime monárquico e, aos poucos foi conquistando adeptos.

Até que em 1908, na volta de uma estadia em Vila Viçosa, D. Carlos e o príncipe herdeiro D. Luís Filipe, são assassinados em pleno Terreiro do Paço. De um só golpe, deceparam a monarquia portuguesa, deixando o trono nas mãos de D. Manuel que, sem capacidade de manobrar uma situação política explosiva, terminaria com a queda da monarquia e a implantação da República no dia 5 de Outubro de 1910.

Foi neste contexto, de transição da sociedade portuguesa, aprofundada na desconfiança, incerteza e desesperança, que Florbela perde parcialmente seu pai, pois João Espanca fica desolado com a morte do seu soberano, tornando-se um homem fechado e agressivo contra tudo e contra todos. É também neste momento que Florbela tem seu primeiro contato com a morte, pois sua mãe, Antonia Lobo, morre repentinamente por uma doença desconhecida. É neste cenário lúgubre, de luto e de tristeza da vida de Florbela Espanca, que a poetisa vai inscrevendo sua subjetividade, vai construindo um “rosto” para si e para sua escrita de acordo com as imagens e representações de uma cultura.

As mudanças em Portugal entre o final do século XIX e início do século XX foram, sem dúvidas, muito mais perturbadoras do que esperanças, a própria natureza das mudanças se modificaram paulatinamente, tornaram-se muito mais rápida que antes. O medo e pessimismo marcavam permanentemente presença na mentalidade dos sujeitos apavorados com a libertação feminina, a renovação da cultura, a ruína da religião, a desestruturação do cerne familiar, enfim, a corrupção de uma ordem antiga tornava o presente desses sujeitos um verdadeiro pesadelo. Em meio a essa atmosfera de incerteza e de crescente pluralismo, o temperamento liberal ensinou os sujeitos a

conviverem com a constância dessas turbulências e ansiedades desconhecidas deste novo mundo, dessa nova realidade social, advinda com a República lusitana.

Em 1913, Florbela foi emancipada e, em dezembro do mesmo ano, casa-se com Alberto de Jesus Silva Moutinho. Em meio a essa efervescência cultural, entre 1915 a 1917, concluiu no liceu de Évora o sétimo ano de Letras, como aluna externa e, simultaneamente, escreveu seu primeiro projeto de poesia, intitulado por *Trocando Olhares*³, no qual deixa transparecer uma poesia liagada a propaganda nacionalista em evidência no momento.

Dois anos após sua primeira produção, após um infeliz aborto involuntário, envolvendo-a numa crise emocional, num imensurável martírio consigo mesma, eclodindo numa crise matrimonial, Florbela se matricula na Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa e, em seguida, muda-se para o Porto, aprofundando o mal estar no seu casamento com Alberto Moutinho. Já no terceiro ano da Faculdade de Direito, em meio a tantos infortúnios e desgostos, Florbela Espanca publica efetivamente o livro intitulado por *Livro de Mágoas*.

No período em que Florbela estava cursando a Faculdade de Direito em Lisboa, ela se envolve nas discussões literárias e logo passa a ocupar um lugar excepcional na sociedade: Florbela é reconhecida e respeitada como grande poeta pela alta intelectualidade portuguesa. Assim, em meio a esses grupos literários, Florbela conhece Américo Durão - poeta e escritor português -, com quem não só constrói uma afetuosa amizade, mas que a influenciará em suas obras posteriores.

Em meio aos novos ritos e ritmo de vida, em meio ao glamour e as seduções da capital portuguesa, do período da chamada Renascença Portuguesa, Florbela decide romper definitivamente seu casamento com Alberto Moutinho. Em 1921, sai o divórcio de Florbela e Alberto Moutinho e, nesse mesmo ano, mesmo doente, apaixonou-se loucamente e logo se casa com o alferes da artilharia da Guarda Republicana, Antônio José Marques Guimarães, se mudando para Matosinhos, mas, devido a formação militar e machista de Guimarães, Florbela outra vez se vê em uma crise emocional, agravando sua saúde. Em meio a mais uma desilusão amorosa, em 1923, é publicado o *Livro de Sóror Saudade*.

Em uma crítica literária, Gabriela Macedo acredita que a subjetividade de Florbela no *Livro de Sóror Saudade* “é configurada de uma forma mais sufocada, pois, a poetisa encontra-se ainda submissa aos valores culturais de sua época. Em tais poemas podemos ver uma poesia marcada pela dor, pelo desejo e a busca de uma felicidade nunca encontrada.” (MACEDO, 2010: p.8).

Provavelmente, Florbela Espanca escreve o *Livro de Sóror Saudade* quando ainda estava casada com Antônio José Marques Guimarães, de quem sofreu constantes humilhações, grosserias, friezas e indiferenças, portanto, em um momento que estava aprofundada na desolação da solidão, num momento de descrença para com a vida, num momento que via seus sonhos se despedaçar. Florbela foi uma mulher formada no modelo romântico tradicional e, ao mesmo tempo, queria ser moderna: ela sofria as agruras da mulher tradicional e a elas se somavam as agruras da mulher moderna. Parece-nos que as escolhas amorosas dela estavam ligadas ao antigo modelo, aquele que conheceu através de seu pai, mas quer que eles caibam em seus sonhos, e eles logo viram pesadelo. Florbela vê-se enfrentar um mundo insensível do seu marido, militar da guarda, que destrói todos os seus sonhos, transformando-os em quimeras e utopias.

Florbela termina o livro exatamente no dia 10 de março de 1922, intitulando-o inicialmente por *Claustro das Quimeras*, contudo, esta obra só será publicada nos primeiros dias de Janeiro do ano seguinte, mas, pelo fato de Alfredo Pimenta⁴ ter publicado, no mesmo período, um livro intitulado por *Livro de Quimeras*, Florbela alterou

o título para *Livro de Soror Saudade*⁵, provavelmente o título foi inspirado no soneto que Américo Durão fez para a poeta, no qual apelidava Florbela de Soror Saudade:

“Irmã. Soror Saudade, ah! S eu pudesse
Tocar de aspiração a nossa vida,
Fazer do mundo a terra prometida
Que ainda em sonho as vezes me aparece!”⁶

Sem saber, Américo Durão cria uma identidade para Florbela, cria um território na terra prometida, um lugar idealizado muito próximo ao sonho. Confusa e perdida, sem uma definição para si como vimos em suas poesias anteriormente, ao ser chamada Soror Saudade, Florbela se encontra, acha uma referência para si, encontra uma territorialidade subjetiva para habitar, encontra um rosto. Como prova disso, Florbela faz alusão da poesia de Américo Durão citada acima, na primeira página do *Livro de Soror Saudade* e, em seguida, dedica ao poeta uma poesia intitulada por *Soror Saudade*:

“Irmã Soror Saudade, me chamaste...
E na minh'alma o nome iluminou-se
Como um vitral ao sol, como se fosse
A luz do próprio sonho que sonhaste.
(...)
Como se fosse pétalas caindo,
Digo as palavras desse nome lindo
Que tu me deste: “Irmão, Soror Saudade”...”⁷

Percebe-se que ela encarna imediatamente esta identidade de uma devota da saudade, pois este nome que designa um lugar de sujeito daria expressão à sua subjetividade saudosista, dessa vez Florbela não só vê a saudade como uma entidade, mas ela mesma passa a se definir através da saudade, assumindo o lugar de Soror Saudade: monja da saudade, aquela que se dedica religiosamente à saudade, aquela inteiramente devotada à saudade. Absorvendo e encarnando esse personagem, Florbela constrói para si um rosto, aquilo que Deleuze e Guattari chamam de rostidade, simula uma face para se apresentar no mundo, um rosto de saudade:

“Logo pela manha muito vaidosamente pedi um espelho para me ver. Fiquei contente: muito pálida, com boca muito pálida, com umas grandes olheiras roxas, a cabeça envolvida com ligaduras brancas, eu era mesmo,

mesmo... Soror Saudade! E, com uma escandalosa trança preta aparecia a perturbar um pouco a grande religiosidade da minha pessoa, pedi que a escondesse bem. As monjas tem o cabelo cortado, pois não tem? Riram-se da minha infantilidade e talvez me chamassem doida, mas eu fiquei contente porque então é que eu era mesmo, mesmo igual a Soror Saudade.”⁸

Segundo Deleuze o rosto é uma construção social que se distribui em torno de um sistema muro-branco-buraco-negro, onde se organizam os traços de rostidade. O rosto é uma superfície, um muro-branco sobre o qual se inscreve signos e redundâncias, onde se projeta um significante, onde se constrói um rosto que é a nossa frente, nossa apresentação, nossa identidade, como nós nos representamos para a sociedade. O buraco negro, por sua vez, inscreve a consciência, a paixão e a subjetivação sobre estes significados absorvidos (DELEUZE; GUATTARI: 1996, p. 32). Como bem vimos há pouco, Florbela desenha para si um rosto de Soror Saudade, ilumina-se um rosto da saudade nela e, assim, criando uma subjetividade saudosa para si. Ela faz um cosmo, um universo de significação para construir um rosto para ela sobre o muro-branco, rosto que se codifica e se espalha para além dos sentidos, espalha para os objetos (DELEUZE; GUATTARI: 1996, p. 35).

“A luz desmaia num fulgor de aurora,

(...)

Horas tristes que são o meu rosário...

Ó minha cruz de tão pesado lenho!

Ó meu aspero e intémimo Calvário!

E a esta hora em mim revive:

Saudade de saudades que não tenho...

Sonhos que são os sonhos dos que eu tive...”⁹

Vejamos o quanto significativo são estes versos para nossa pesquisa. É sempre no crepúsculo, neste Fenómeno-fenômeno luminoso .noturno-noturno - taciturno e triste no sentido figurado -, que simboliza a decadência, o declínio, o ocaso, o término e a morte; é exatamente nesse momento do crepúsculo, do anoitecer que brota a tristeza em Florbela, ocasião que nela revive uma saudade, uma saudade do que ela não tem. O rosto da saudade de Florbela se recodificada no pôr do sol, porque ela cria códigos e imagens que relaciona o pôr do sol à saudade, por isso se espalha para além dos sentidos e, ao sentir saudade, se materializam, quase ficcionalmente no pôr do sol.

Em uma carta direcionada a Américo Durão, amigo de estudos já citado anteriormente, Florbela fala amargamente dessa saudade que ela não tem:

“...eu não tenho recordações. Ninguém guarda lembranças do que profundamente despreza. Nunca mais falaremos disso, quer? Que estas palavras bastem: sofri porque não sou leviana nem fútil. Para me salvar, meu amigo, imitei a célebre frase de Danton: Para salvar a França ele gritou bem alto <<Audácia, audácia... e mais audácia>> Não me lembro mais de nada. Nunca mais falaremos disso, quer? Eu não tenho nada, nada, nada a prender-me no passado, como no presente.”.¹⁰

Florbela tem saudade de saudades que não tem, porque ela despreza o passado, um passado obscuro que só provocou angústia, que só ressuscita mágoas, assim, ela se protege negando o passado, por isso sente saudade de algo abstrato, quimérico, não do passado como foi, mas do passado como poderia ou deveria ter sido, por isso a saudade é sentida de uma forma tão dolorida. Ela afirma não ter saudades devido a um passado conturbado, um passado marcado por crises e atravessado por tristezas, o que reforça a idéia dela ter uma saudade do que não houve, do que não aconteceu, como ela mesma coloca, ter saudade dos sonhos, dos sonhos com o que ela não teve e gostaria de ter tido ou sido. Como efeito, Florbela tem sonhos dentro dos seus próprios sonhos, quer dizer, várias camadas se superpõem, até ao limbo, até o máximo do plano onírico.

“Sou filha de charneca erma e selvagem:

Os giestais, por entre os rosmaninhos,
Abrindo os olhos de oiro, p’los caminhos,
Desta minha alma ardente são a imagem.

E ansiosa desejo - ó vã miragem -

Que tu e eu, em beijos e carinhos,

Eu a Charneca, e tu o Sol, sozinhos,

Fôssemos um pedaço da paisagem!

E à noite, à hora doce da ansiedade,

Ouviria da boca do luar

O *De Profundis* triste da Saudade...”¹¹

(...)

Não há nada mais niilista que a definição que Florbela dá de si mesma: filha da charneca erma. Quer dizer, ela se reduz ao nada, a um terreno completamente vazio, sem plantas e flores. Ela se sente vazia porque deseja

ansiosamente o amor e carinho de outro alguém, mas, esse desejo limita-se ao sonho, a mera miragem. E é na noite, “à hora doce da ansiedade”, é na indefinida opulência das noites de solidão que a saudade surge, uma saudade dolorida, com prazendo-se na dor, que é fruto de um sonho que logo se quebra, é um bálsamo que logo se dissipa no ar. Ela claramente sente saudade do que não foi, de uma miragem, de uma amor interrompido, já destruído.

“Poeiras de crepúsculos cinzentos.

(...)

Poeiras de crepúsculos tristonhos,
Lembram-me o fumo leve dos meus sonhos,
A névoa das saudades que deixaste!
Hora em que teu olhar me deslumbrou...
Hora em que a tua boca me beijou...
Hora em que fumo e névoa te tornaste...”¹²

Mais uma vez vemos a saudade ligada a imagem do por do sol. Vejam as cores que ela pinta a saudade: o crepúsculo que tem uma tonalidade sépia - uma cor nem muito leve, nem muito alegre, nem carregada -, passa a ser cinzento, uma cor que está ligada a mortificação, ao luto e a dor. Para Florbela o anoitecer é tristonho, pois faz lembrar de sonhos, cuja fumaça impossibilita de vê-los, a fumaça encobre seus sonhos, eles próprios se transformam em fumaça. A saudade vem em névoa, que dizer, obscura, que não dá para ver, ela tem saudade de um sonho que vem em brumas, uma saudade completamente nebulosa de um sonho que não se tornou realidade.

(...)

“E eu ponho-me a pensar... Quanta Saudade
Das ilusões e risos que em ti pus!
Traçaste em mim os braços duma cruz,
Neles pregaste a minha mocidade!

Minh'alma que eu te dei, cheia de mágoas,
É nesta noite o nenúfar de um lago
Estendendo as asas brancas sobre as águas!”¹³

(...)

Mais uma vez vemos a saudade diretamente ligada à noite. Florbela claramente fala que sente saudades das ilusões, de uma quimera, de um sonho projetado com outro alguém. Mais uma vez vemos que ela utiliza metáforas de cunho religioso: “Traçaste em mim os braços duma cruz, Neles pregaste a minha mocidade!”. Metáfora religiosa que a crucifica, que a oprime, notadamente as práticas e discursos religiosos da sociedade portuguesa provocava uma angústia em Florbela, ela se sentia emparedada, sufocada, ameaçada, mas, sobretudo, descrente em relação a moral cristã. Apesar de utilizar metáforas religiosas, vê-se em Florbela um ceticismo quanto a moral que não tem mais sanção após ela se refugiar em uma transcendentalidade, acabando no niilismo do nada tem sentido. Florbela vivia numa sociedade em crise com o religioso e o transcendente, não só ela, como muitos outros pareciam fazer da saudade outra forma do religioso, outra forma de transcendência, terrena, mas também metafísica, pois a saudade assim como deus é imaterial e está relacionada com a continuidade ou a sobrevivência ao tempo.

“Maria das Quimeras me chamou

Alguém... Pelos castelos que eu ergui

P’las flores d’ouro e azul que a sol teci

Numa tela de sonho que estalou

(...)

Maria das Quimeras, que fim deste

As flores d’ouro e azul que a sol bordaste,

Aos sonhos tresloucados que fizeste?”¹⁴

(...)

Mais uma vez percebe-se uma crise de identidade, claramente o niilismo é um dos componentes da subjetividade de Florbela, ela parece voltar-se contra si própria, ela está inerte, sem sentido e sem direção, sem final ou em direção ao nada, como Nietzsche diria: presa ao “o eterno retorno” do nada¹⁵.

Florbela Espanca é a própria “Maria da Quimera”... Ela vive no mundo irreal, no mundo de sonhos e utopias, no mundo da imaginação, da fabulação, da fantasia, da ilusão, enfim, ela está presa a uma esperança irrealizável, por isso é recorrente falar que os sonhos morrem, acabam, tombam. Os sonhos tresloucados de Florbela ficaram na saudade.

“Saudades! Sim... talvez... e por que não?

Se o nosso sonho foi tão alto e forte

Que bem pensara vê-lo até a morte

Deslumbrar-me de luz o coração!

(...)

Quantas vezes, Amor, já te esqueci,
Para mais doidamente me lembrar
Mais doidamente me lembrar de ti!

E quem dera que fosse sempre assim:

Quanto menos quisesse recordar
Mais saudade andasse presa a mim!”¹⁶

Mais uma vez, a saudade do sonho reaparece neste soneto de Florbela. Ela começa a poesia falando do sonho que foi (grifos meus, no passado) tão alto e forte, mas que não passou de uma vontade de desejo de Florbela, logo se tornou deslumbre. Entendo que quanto mais recordava dessas projeções, mais tinha saudade do sonho em si, em nenhum momento Florbela declara saudade do que realmente aconteceu, quer dizer, da ruptura de um relacionamento. A própria poeta, num auto-retrato, confessa:

“O meu mundo não é como o dos outros; quero demais, exijo demais; há em mim uma sede de infinito, uma angústia constante que nem eu mesma compreendo, pois estou longe de ser uma pessimista; sou antes uma exaltada, com uma alma intensa, violenta, atormentada, uma alma que se não sente bem onde está, que tem saudades... Sei lá de quê!”¹⁷

Parece-me muito significativo ela dizer que não sabe do que sente saudade. Notadamente, ela sente uma saudade do que não viveu, sente uma saudade angustiada pela ausência de um objeto indefinido, sente falta de algo que não sabe do que se trata, a presença da ausência que é a saudade elevada a máxima potência.

“Se é sempre Outono o rir das Primaveras,

Castelos, um a um, deixa-os cair...

Que a vida é um constante destruir

De palácios do Reino das Quimeras!

(...)

Sonhos que tombam! Derrocada louca!

São como os beijos duma linda boca!

Sonhos!... Deixa-os tombar... Deixa-os

[tombar.”¹⁸

Vejamos como Florbela se relaciona com a vida: “... a vida é um contínuo destruir”, quer dizer, a vida, a realidade é algo que destrói sonhos. Verifica-se constantemente o uso das palavras cair, tombar, destruir, reino de quimeras, derrocada. Mais uma vez podemos ver a centralidade da temática do sonho não realizado, da desilusão, da saudade daquilo que sequer se pode viver, a saudade de um sonho não realizado.

A relação com o tempo é a maior angústia trazida pela modernidade: “...o império do instantâneo suscitado pelos modernos meios tecnológicos tem por efeito um sentimento de perda inexorável, combatido por frenesi compulsivo no empenho de recuperar um presente que parece escapar-lhe.” (DOSSE: 2003, p. 292) Quer dizer, as subjetividades saudosistas lutam contra essa transitoriedade, contra a efemeridade de todas as coisas, contra o passageiro e contra o caráter destrutivo do tempo. Florbela estava emparedada entre um passado que na verdade não gostava e um futuro que temia, e um presente que também detestava e esse emparedamento a levou ao niilismo, a descrença, a falta de esperança, ela nada espera do tempo.

“Ódio por ele? Não... Se o amei tanto,
Se tanto bem lhe quis no meu passado,
Se o encontrei depois de o ter sonhado,
Se á vida assim roubei todo o encanto...

(...)

Ódio seria em mim saudade infinita,
Mágoa de o ter perdido, amor ainda.
Ódio por ele? Não... não vale a pena.”¹⁹

O ódio está arraigado na sua alma, Florbela carrega consigo um ódio irreversível, um rancor incontornável do passado, por não ter sido correspondida, por não ter se realizado, ou por o objeto desejado ter ficado apenas no plano do sonho. É significativo quando Florbela declama na última estrofe: “Ódio seria em mim saudade infinita”, que dizer, a saudade está ligada ao ódio, a mágoa, a uma raiva, a um ferimento que nunca cicatrizou.

“Horas que têm a cor dos olhos meus...
Horas evocadoras de outras horas...
Lembranças de fantásticos outroras,
De sonhos que não tenho e que eram meus!

(...)

Horas em que as saudades plas estradas

Inclinam as cabeças mart'rizadas

E ficam pensativas... meditando..."²⁰

Mais uma vez a imagem do sol poente lhe evoca o passado, lembranças de outrora, evoca sonhos dos quais foram seus e que agora não a pertencem mais, porque o tempo passou e o sonho não se realizou, simplesmente morreram nos seus mais profundos desejos, seus sonhos se ocultam como o sol se põe e desaparece na imensa escuridão da noite. É nessa hora que surge em Florbela uma saudade martirizada, sofrida, atormentada por um passado insatisfeito e um presente sem a realização dos seus sonhos. A saudade padece em Florbela como uma doença, como uma injúria, como uma violação de um direito de ter tido feliz.

Florbela era uma mulher fruto do seu tempo, uma mulher produto da sociedade que viveu, por isso, acreditamos que o sentir saudade de Florbela Espanca está atrelado ao fenômeno niilismo do início do século XX, que surge com a emergência do eu-moderno atrelado ao laicismo, o republicanismo e o cientificismo. Uma saudade que ela não sabe de que, saudade de um sonho que transpassa entre uma idealização e um estado de descontentamento com a vida, uma vontade de encontrar com o nada, por isso renegar todas as temporalidades. Florbela Espanca reflete a morte dos sentidos espirituais, a morte de deus como fala Friedrich Nietzsche, ela representa a ausência do sentido para a vida, enfim, o deslocamento do ser religioso para o ser da liberdade moderna, daí a busca da arte-transcendental na poesia, a busca pelo eterno, fora do tempo.

Concluimos, portanto, que para Florbela Espanca, a saudade, esta forma de se relacionar com o passado, é atravessada por uma angústia que reduz o futuro e o presente, que se fazem uma única dimensão do tempo; assim como percebemos na sua saudade um tédio, típico do eu-niilista, que cava uma defasagem entre a passagem do tempo cronológico e a sua vivência subjetiva.

Parece-nos que a saudade para Florbela é um refúgio de perfeição, é uma idealização do que poderia ter sido e não foi, por isso, saudade do que não foi, que pode ser visto como um desacerto, um contratempo com a vida. O que falta em Florbela é uma perspectiva de futuro, por isso é emparedada no presente, fugindo para um passado em que também não viveu, daí uma saudade que ela não consegue identificar, uma saudade de algo que não alcançou, parece-nos que fica remoendo estes sonhos que nunca chegaram. E assim, Florbela veste o hábito de burel de sóror saudade e constrói para si um rosto da saudade. Florbela cria uma rostidade para Soror Saudade que levava consigo uma alma doente.

Em meio a um turbilhão de acontecimento, em suas poesias Florbela parece carregar uma dolorosa tormenta fechada a sete chaves, parece carregar dentro de si infinitos fantasmas que a sufocam, provocando-a um grande vácuo na sua existência. A alma de Florbela está doente, está possuída pelo fel amargo das decepções, das noites passadas em claro numa agonia inexplicável, numa frustração sem remédio. Parece-nos que Florbela estava completamente emparedada, não tolerava o passado e não tinha nenhuma perspectiva e/ou horizonte para o futuro e, como saída e fim para todas suas angústias achou a morte. Como diria Nietzsche, uma alma atormentada diagnosticada pelo "niilismo passivo" que vai de encontro com a "decadência e recuo do poder do espírito", acreditando não mudar o mundo dela, muito menos o mundo em que vivia, não suportando as pressões e entregando-se a morte.²¹

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. AS SOMBRAS DO TEMPO: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: Marina Haizenreder Ertzog e Temis Gomes Parente. (Org.). *História e Sensibilidade*. 1 ed. Brasília: Paralelo 15, 2006.

_____. A hora da estrela: história e literatura, uma questão de gênero? In; *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

_____. Espaços da Saudade. In: *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2 Ed. São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 2001.

_____. *Achegas de Saudade: as condições históricas de emergência de consciências e sensibilidades saudosistas no Brasil e em Portugal entre o final do século XIX e meados do século XX*. Projeto de pesquisa, CNPQ, 2009.

- ALEXANDRIA, Maria. *A vida ignorada de Florbela Espanca*. [S.I]: [S.N], 1964.

- BOURDIER, Pierre. *A Economia das trocas Lingüísticas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e História da Cultura. IN: Domínio da História.

CATROGA, Fernando. *O Republicanismo em Portugal*. Lisboa: Casa das Letras, 2010.

-CATROGA, Fernando; MENDES, Jose Amado; TORGAL, Luís Reis. *História da História em Portugal*. Lisboa: Temas e Debates, 1998.

- COELHO, Maria Claudia; REZENDE, Claudia Barcellos. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

- CORBIN, Alan. *Saberes e odores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- DAL FARRA, Maria Lúcia. *Afinado Desconcerto: contos, cartas diário*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

- DELEUZE, Gilles. *Do niilismo a transmutação*. IN: Nietzsche. Lisboa: Edições 70, 2007.

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. “Ano Zero – Rostidade”. IN: Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. V.3. São Paulo: Ed 34, 1996

- ERTZOGUE, Marina Haizenreder & PARENTE, Temis Gomes (Orgs.). *História e sensibilidades*. Brasília: Paralelo 15, 2006.
- _____. *O que é um dispositivo?*
- ESPANCA, Florbela. *As Magoas do Destino*. São Paulo Martin Claret. 2009
- _____. *O Dominó Preto*. São Paulo Martin Claret, 2010.
- _____. *Poesia de Florbela Espanca*. V.2. Porto Alegre: L&PM, 2008. (“Tormento do Ideal” – Laury Marciel).
- _____. *Sonetos*. 15ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. (Prefácio: Estudo crítico de José Régio).
- _____. *Sonetos*. 4ed. Portugal: Publicações Europa-America, [S.D]. (Nota introdutória de Maria Ester Torres).
- _____. *Trocando Olhares*. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- _____. *Diário do Último ano*. Portugal: Livraria Bertrand, [S.D]
- ESSA-LUÍS, Agustina. *Florbela Espanca: Vida e Obra*. [S.I]: Arcádia, [S.D].
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1990
- _____. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996
- _____. *O que é um autor?*. 4ed. Alpiarca: Verga, 2000.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.
- GAY, Peter. *A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das letras, 1988.
- _____. *O Estilo na História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GEBARA, Ivone. *O que é Saudade*. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- LEAO, Costa. *Poetas do Sul: Bernardo de Passos e Florbela Espanca*. Lisboa: Portugalia Editora, [S.D].
- LIMA, Luiz Costa. *Perguntar-se Pela Escrita da História*. Belo Horizonte: VARIA HISTORIA, vol. 22, nº 36: p.395-423, Jul/Dez 2006;
- MAUSS, Marcel. *A expressão obrigatória dos sentimentos (rituais orais funerários australianos)*. In:_____. *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich de. *O niilismo Europeu*. IN: *A Vontade de Poder*. Rio de Janeiro: Contratempo Editora, 2008

- ROLNIK, Suely. *Uma insólita viagem à subjetividade*. Disponível em: <http://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/sujeticabourdieu.pdf>. Acesso em: 10/3/2011

- SOUZA FILHO, Alípio de. Por uma teoria construtivista crítica. *Bagoas: estudos gays – gêneros e sexualidades*, v. 1, Natal: EdUFRN, p. 27-59, 2007.

(Notas)

¹ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

² GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória e Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988

³ O manuscrito *Trocando Olhares* foi comprado pelo empresário Rui Guedes que, muitos anos depois da morte da autora, publicou em *Obras Completas de Florbela Espanca*

⁴ Historiador, poeta e escritor português de posturas autoritárias, simpatizo com o integralismo Lusitano e, posteriormente, assumiu-se como salazarista

⁵ TORRES, Maria Ester (prefaciador), [S.D], p.16–17.

⁶ Publicado no jornal *O Século*, no dia 27 de dezembro de 1919

⁷ ESPANCA, Florbela. *Soror Saudade*. In: *Sonetos*. 15ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. P. 59

⁸ Carta de Florbela Espanca para Américo Durão. Vila Visoça, 5 de janeiro de 1920

⁹ ESPANCA, Florbela. *Anoitecer*. In: *Sonetos*. 15ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. P. 75

¹⁰ Carta de Florbela a Américo Durão de 05-01-1920.

¹² ESPANCA, Florbela. *Cinzento*. In: *Sonetos*. 15ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. P. 79

¹³ ESPANCA, Florbela. *Nocturno*. In: *Sonetos*. 15ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. P. 79

¹⁴ ESPANCA, Florbela. *Maria das Quimeras*. In: *Sonetos*. 15ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. P. 80

¹⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos Finais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília 2002, p.49.

¹⁶ ESPANCA, Florbela. *Saudades*. In: *Sonetos*. 15ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. P. 81.

¹⁷ ESPANCA, Florbela. *Diário do Último ano*. Portugal: Livraria Bertrand, [S.D]

¹⁹ ESPANCA, Florbela. *Ódio?* In: *Sonetos*. 15ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. P. 82

²⁰ ESPANCA, Florbela. *Sol Poente* In: *Sonetos*. 15ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. P. 93

²¹ NIETZSCHE, Friedrich de. “O nihilismo Europeu”. IN: *A Vontade de Poder*. Rio de Janeiro: Contratempo Editora, 2008



Versos de Florbela para Zé Doido

Rosângela Trajano

Mestra em Literatura Comparada.

Falar dos doidos para mim não é tarefa difícil porque eu na minha lucidez que escrevo agora já estive muito perto da loucura e a linha tênue que separa razão de loucura é muito fina, para não fazer valer o ditado que cada um de nós é um pouco doido. Ao me deparar com o poema de Florbela Espanca, “A doida”, do livro “Trocando Olhares”, me veio ao pensamento um ser humano a quem há anos quero prestar-lhe uma homenagem, não por ser doido, mas por ser humano, apenas isso.

Estive internada em uma clínica para doidos por dois dias e percebi que os doidos não são solitários como imaginam muitas pessoas, ao contrário na vida deles há mais gente do que na nossa porque além das pessoas em forma de matéria há as pessoas produzidas por um pensar além da nossa realidade. Nunca vi um doido como um doente, mas como um ser humano que ultrapassa as teorias da metafísica e se defronta com uma sociedade que não o compreende, que despreza seus amigos de invenção e suas criações. Há, sim, os doidos que surtam e são agressivos, mas mesmo esses têm uma mente brilhante como diz o título do filme do matemático John Forbes Nash. Nós também somos agressivos e perigosos, a única diferença é que ainda estamos do outro lado da linha tênue, do lado da razão.

O ser humano de quem lembrei é carinhosamente chamado de Zé Doido, mora no meu bairro e o conheço desde criança. Contarei sua história a partir da leitura dos versos do poema para que assim possa estabelecer uma comparação melhor e explicar o porquê dessa aproximação da doida de Florbela com Zé, o doido.

A doida

A noite passa, noivando.

Caem ondas de luar.

Lá passa a doida cantando

Que mais parece chorar!

Para Zé Doido a noite passa normalmente com chuvas, trovões, relâmpagos, ventania, lua cheia ou nova, meninos na rua fazendo barulho ou não, gato miando, carros buzinando, mulheres nas calçadas conversando e Zé lá, encolhido, na calçada de alguma casa próxima da rua que ele escolheu para ser o seu lugar de moradia. Quando chega a noite Zé é só silêncio. Mas o dia passa como uma mãe que faz Zé Doido lembrar-se de alguma coisa boa que ainda há no seu pensamento, pois canta, canta baixinho, só quem muito dele se aproxima pode ouvir. Diferente da doida de Florbela, Zé Doido não tem um canto com gosto de pranto, mas um canto manso de quem chama alguma coisa e não sabe o quê, talvez pela explicação da sua loucura que a perda de uma mãe pode doer tanto quanto a de uma noiva, não sei.

A mãe de Zé Doido jogou gasolina no próprio corpo quando o nosso bairro ainda era cheio de mato e terrenos ao léu, depois acendeu um fósforo e pronto. Foi encontrada dias depois com os urubus puxando tudo de dentro dela. Ao ver aquela cena Zé que ainda não era doido, mas menino que gostava de jogar bola, colocou as mãos na cabeça e correu o dia inteiro até parar, sem chorar, sentar-se em uma calçada e ficar ali, quieto, feito passarinho encolhido, para nunca mais conversa querer com ninguém. Até hoje é assim.

De vez em quando Zé Doido sai da sua rua para perambular pelas demais ruas do bairro, acho que é quando bate a saudade nele de alguma coisa que não posso saber o quê, dizem que ele fica assim, andando para cima e para baixo atrás de cigarros para fumar, mas ouvi, ouvi, ouvi, sim, Zé Doido perambula cantando, já ouvi isso por duas vezes. Na última ele cantava bem uma música mais ou menos assim "... ninguém é de ninguém / na vida tudo passa / ninguém é de ninguém até quem nos abraça /". Ora, ora, como pode um doido memorizar uma letra de uma música tão bela? Fiquei a pensar, mas como a loucura não se explica melhor deixar Zé Doido a cantar suas dores.

Dizem que dói morte

D'algém, que muito lhe quis,

Que endoideceu, triste sorte!

Que dor tão triste e tão forte!

Como um doido é infeliz!

Deve ter doído muito em Zé Doido ver a sua mãe naquele estado. Dor tamanha ao ponto de enlouquecer, transpor a linha tênue da razão à loucura. Contam os mais velhos que Zé Doido era o mais novo dos filhos e muito querido pela mãe. Tenho vontade de entrar no pensamento de Zé Doido para saber se a sua loucura é o fato de não saber por que a mãe tirou a própria vida ou desfez a dele em fragmentos. Sim, Zé Doido, é um ser humano em fragmentos. Pode chover, fazer sol quente ou ventar não tem importância para Zé Doido, as suas sensações são dores das quais ele não reclama. Mas gosta de receber um cobertor nas noites de frio, de se acolher embaixo de uma árvore. Ele como mais ninguém sabe o que é a dor, a perda de um ente querido, de alguém que o zelava e cuidava. Pobre Zé Doido que adianta cantar se não sabe sorrir, nunca vi aquele ser humano sorrir, não porque não saiba, mas porque saiba que não há na sua vida motivos para sorrir. Será que Zé Doido sabe que sorrir é alegria? E que alegria ele não tem? Será que ele se julga culpado da morte da sua mãe? Faço-me essas perguntas sempre pensando na sua dor de viver sozinho em meio a tanta gente que passa para lá e pra cá sem perceber que existe ali um doido infeliz.

Desde que ela endoideceu,

(Que triste vida, que mágoa!)

pobrezinha, olhando o céu,

Chama o noivo que morreu

Com os olhos rasos d'água!

Muitos de nós, moradores do bairro, queríamos ouvir Zé Doido, mas ele mal fala a não ser para pedir um prato de comida ou dizer obrigado quando lhe damos alguma coisa, com a voz baixinha e tímida. É calado sempre.

Não olha para o céu, nunca vi. Seu olhar parece perdido. Como se para ele não importasse a cor azul, vermelha ou branca do muro da parede em frente ao pé de carambola onde costuma ficar sentado. Não chama ninguém, nunca chamou. Tem os olhos tristes e nunca olha fixo para ninguém. Zé Doido tem medo de que lhe façam mal e por isso não se aproxima de desconhecidos. Se não mexem comigo também não mexo com ninguém, esse é seu lema. Insisto neste meu ensaio como na vida real de que se Zé Doido tivesse uma vida digna voltaria para o outro lado da linha tênue e quem sabe recuperasse a razão.

Penso que ele se pune, flagela-se, mata-se todos os dias para renascer no outro dia e recomeçar todo o seu sofrimento por não ter impedido a morte da sua mãe. Ou será que ele nem lembra mais disso? Ou será que ele é doido e como todo doido não tem direito de ser ouvido? Por que não procuramos ouvir os doidos? Eles enchem os olhos d'água porque já não há com quem dividir o carinho e a beleza da vida.

E a noite passa, noivando.

Passa noivando luar:

“Num suspiro doce e brando,

Podre doida vai cantando

Que esse teu canto, é chorar!”

Da noite de Zé Doido já falei acima, mas Zé Doido à noite é só silêncio que chora para dentro de si, talvez por vergonha de chorar em público. Até os doidos têm vergonha de serem chamados de doidos e de mostrar suas fraquezas. De podre em Zé Doido não vejo nada, a não ser seus dentes que estão estragados e que caindo em contradição agora afirmo que ele chora, chora de dor, e diz que é dor de dente. Só não consigo entender como um ser humano que nunca tomou remédios para nada, que vive no meio da rua, debaixo de sol e chuva, nunca fica resfriado, nem tem doença de ficar de cama. Talvez este ser humano foi imunizado da dor física para poder enfrentar a dor da alma, podre dor que mora na alma dos doidos que só nós, os ditos normais, sentimos.



FLORBELA ESPANCA

diário
do último ano

LIVRARIA BERTRAND

Januário 1930

11 - Para mim? Para ti? Para ninguém. Sempre atuei para
aquele negligente, sem pretensões de arte, sem ambições de
sucesso e que os enviados dos outros não nenhuma reflexão, im-
pulsões, abens, invenções de um, de outro - todo o meu esfor-
to parabolal, talvez pouco, talvez profundo.
Tiram-se, há muito os vinte anos, a chave das análises, das
complexas terminações interiores. Compreenda por fim que nada
compreende, que mesmo nada poderia ter compreendido de novo.
Restam-me os restos. Talvez por eles possa chegar às infinitas
possibilidades de meu ser misterioso, entrançado, secreto.
Uma hora que se desengano, que sofre entre os meus dedos pa-
vado, sem a que sabe sempre por horas e não, que dia é, e que
foi lá, amanhã, depois. Uma noite debruçar o tempo através
de mim, para se que se abra através dele e sinto, me passar
com a consciência vertida dos minutos que passaram e dos que
se não seguir. Como compreende a amargura desta amargura?
Quão poucas tu, o impuro, que resta de um de rosa tantas
vidas? Deus malicioso e frívolo que tão pouco mantém tudo sobre
os ombros das mulheres que sorriam? Para crer em um facto-
che, era amarelada e rubicunda de joia em cabelos todos os
fios, de quem se vai de um lado as contradições. e Atten-
são esperar, e poderia ser a minha Divisa, a Divisa de meu

JANEIRO 1930

11 — Para mim? Para ti? Para ninguém. Quero atirar para aqui, negligentemente, sem pretensões de estilo, sem análises filosóficas, o que os ouvidos dos outros não recolhem: reflexões, impressões, ideias, maneiras de ver, de sentir — todo o meu espírito paradoxal, talvez frívolo, talvez profundo.

Foram-se, há muito, os vinte anos, a época das análises, das complicadas dissecações interiores. "Compreendi por fim que nada compreendi, que mesmo nada poderia ter compreendido de mim. Restam-me os outros... talvez por eles possa chegar às infinitas possibilidades do meu ser misterioso, intangível, secreto."

* Nas horas que se desagregam, que desfilio entre os meus dedos parados, sou a que sabe sempre que horas são, que dia é, o que faz hoje, amanhã, depois. Não sinto deslizar o tempo através de mim, sou eu que deslizo através dele e sinto-me passar com a consciência nítida dos minutos que passam e dos que se vão seguir. Como compreender a amargura desta amargura? Onde páras tu, ó Imprevisto, que vestes de cor-de-rosa tantas vidas? Deus malicioso e frívolo que tão lindos mantos teces sobre os ombros das mulheres que vivem? Para mim és um fantoche, ora amável ora rabugento, de que eu conheço todos os fios, de quem eu sei de cor todas as contorções. «Attendre sans espérer» poderia ser a minha divisa, a divisa do meu

12 - Os olhos do meu cão enterraram-me. Um que costava
manas, numa outra manhã, vi, em ja estas olhos de reboli de
se, de cantos ligeiramente arredados, em esta mesma olhar
pueril e grave, entre contemplativos e amáveis?

14 - A marcha mudesta, estaiosa e foga, me lembra - encerra
Em pie... - o Estoril em julho, igual de ondas, passadas e
entre todos os dias, gerando rememorações em grandes montanhas floridas,
Passo pela o melhor de meu tempo. Abando um cigarro... e o fumo,
sem corrente agitada, eleva-se graças a brisa, até ao tecto, todo
pontalgate divina brisa folhagem rosa, e de castanhas rosas em
dois tons de alaranjado, flores de papel encantadas por ondas pa-
ra divertida brisas. E a marcha a reveses, eleva-se com o fu-
mo, adelgaza-se, esprema-se, espiritualiza-se. É o meu olhar
acessivo, de passagem, e vulto de meu irmão, o meu amigo mor-
to, brisa-me, encantado nas flores das montanhas verdes, ago-
ra: andorinhas todos brancas, hirtos rocos feitos de feno crepus-
culares e, camélias vestidas de brancas e das pávidas. A chuva,
lá fora, tranchea brancos e sua clara e doce cantiga de re-
verbera, a sua eterna melódica sempre que embala e apas-
quia. Sento-me aí. Quantas coisas lindas e tristes em divina ago-
ra a Algernon que não existe!

13 — Os olhos do meu cão enternecem-me. Em que rosto humano, num outro mundo, vi eu já estes olhos de veludo doirado, de cantos ligeiramente macerados, com este mesmo olhar pueril e grave, entre interrogativo e ansioso?

14 — A minha modesta *chaise* faz-me lembrar — «excusez du peu...» — o Estoril em Julho: azul do mar, pássaros esquisitos todos asas, gerânios vermelhos em grandes *umbelas* floridas. Passo nela o melhor do meu tempo. Acendo um cigarro... e o fumo, dum cinzento-azulado, eleva-se, quase a direito, até ao tecto, todo pintalgado dum bizarra folhagem roxa, e de exóticas rosas em dois tons de alaranjado, flores de papel inventadas por crianças para divertir bonecas. E a minha *réverie* eleva-se com o fumo, adelgaça-se, espraia-se, espiritualiza-se. E o meu olhar acaricia, de passagem, o vulto do meu irmão: o meu amigo morto; demora-se, encantado, nas flores das minhas jarras, agora: andorinhas todas brancas, lírios roxos feitos de finos crepes *georgette*, camélias vestidas de duras sedas pálidas. A chuva, lá fora, trauteia baixinho a sua clara e doce cantiga de Inverno, a sua eterna melodia simples que embala e apazigua. Sinto-me só. Quantas coisas lindas e tristes eu diria agora a Alguém que não existe!

10 - Como me lembra hoje o jardim da Favelade! A minha re-
cordação corre e se vive lá todos os seus recantos, nesta evocação
do passado há tanto perdido! Maria e Thelma, Tarciso, Rezala,
Lemilka, Fátima, tantas, tantas lembranças! Tantos momentos já! Já
era por onde ouviamos tantos gritos, tantos risos, tantos abajuros,
tudo o riso e o fúrrido das nossas inquietas movimentações, por
onde rezávamos, confiantes e exultantes, todos os sonhos das nossas al-
mas que ainda acreditavam na glória, na riqueza, na vida e
em maravilhosos destinos de todos! Não gostaria de o tornar a
ver; já não é o meu jardim, já não é o meu jardim, as
lembranças já não são as mesmas lembranças, e aquela ansiedade grande
que parecia sublevar-se a todos nós, meus amigos, meus
amigos meus, já nunca mais não combateria.

11 - É um encanto agora, quase todos os dias renovado, o meu
passado pela Bonita. Como no passado se enfrentam, esperam
de se pararem! Placem-se de vida os minutos, se não
ento, se não, não nos deitamos, as pessoas, vestem as magníficas
as suas vestidas de baile, brancas, coradas, um de lily. Assim
compartidos quase a noite e chor. Para aquela, pequenina, toda
infantilmente, em bicos de pé, no seu tapete de veludo, de lã, de
esta invenção, e seu vestido de baile. Tão nova ainda! Honra na

15 — Como me lembra hoje o jardim da Faculdade! A minha recordação veste-o do roxo de todas as suas violetas, nesta evocação de um passado há tanto perdido! Maria Albertina, Tarroso, Regado, Camélier, Fontes, tantas, tantas sombras! Tantos mortos já! Jardim por onde ecoaram tantos gritos, tantos risos, tantas *blagues*, todo o viço e o frémito das nossas inquietas mocidades, por onde vogaram, confiantes e exaltados, todos os sonhos das nossas almas que ainda acreditavam na glória, na riqueza, na vida e em maravilhosos destinos de lenda! Não gostaria de o tornar a ver; já não é o meu jardim, já não é o nosso jardim; as violetas já não são as mesmas violetas, e aquela árvore grande que parecia debruçar-se a ouvir-nos, meus amigos vivos, meus amigos mortos, já decerto nos não conheceria...

21 — É um encanto agora, quase todos os dias renovado, o meu passeio pela Boavista. Como as árvores se enfeitam, espreitando a Primavera! Polvilham-se de oiro as mimosas, ao crepúsculo riem, num riso diabólico, as peónias, vestem as magnólias os seus vestidos de baile: brancos, rosados, cor de lilás... saias compridas quase a roçar o chão. Para aquela, pequenina, toda empertigada, em bicos de pés, no seu tapete de veludo, é talvez este Inverno o seu vestido de baile. Tão nova ainda! Uma rapa-

15 - Como me lembra hoje a jardim da Faculdade! A minha a-
cordação volta e se com te todas as suas vasculhas, muita evocação.
Eum passado ha tanto perdido! Maria Altheim, Tarcos, Regato,
Lombardi, Frates, tantas, tantas sombras! Tantos mortos já! Já
som para onde escaramos tantos gritos, tantos rios, tantas a Haguro,
tudo o mais e o fomento das nossas inquietas mentes, por
onde rajarão, confiantes e exaltados, todos os sonhos das nossas al-
mas que ainda acreditavam na gloria, na riqueza, na vida e
em maravilhosos destinos de lenda! Como gostaria de o tornar a
ver; já não é o meu jardim, já não é o novo jardim; as
vasculhas já não são as mesmas vasculhas, e aquela arvore grande
que parecia brincar-se a encostar nos meus amigos vivos, meus
amigos mortos, já souto nos não conhecia.

16 - É um encanto agora, quasi todos os dias renovado, o meu
passado pela Bonita. Como as arvores se infectam, espantam
de se porem a vida! Prolham-se de cima as minhocas, os insetos
e os seus ventos de baile. Branco, rosado, verde de lily. raios
compridos quase a roçar o chão. Para aquela, pequenina, toda
enfeitada, com bicos de pé, no seu tapete de cabelo, de lily,
este inverno, o seu vestido de baile. Tão nova ainda! Homena sa-

15 — Como me lembra hoje o jardim da Faculdade! A minha recordação veste-o do roxo de todas as suas violetas, nesta evocação de um passado há tanto perdido! Maria Albertina, Tarroso, Regado, Camélier, Fontes, tantas, tantas sombras! Tantos mortos já! Jardim por onde ecoaram tantos gritos, tantos risos, tantas *blagues*, todo o viço e o frémito das nossas inquietas mocidades, por onde vogaram, confiantes e exaltados, todos os sonhos das nossas almas que ainda acreditavam na glória, na riqueza, na vida e em maravilhosos destinos de lenda! Não gostaria de o tornar a ver; já não é o meu jardim, já não é o nosso jardim; as violetas já não são as mesmas violetas, e aquela árvore grande que parecia debruçar-se a ouvir-nos, meus amigos vivos, meus amigos mortos, já decerto nos não conheceria...

21 — É um encanto agora, quase todos os dias renovado, o meu passeio pela Boavista. Como as árvores se enfeitam, espreitando a Primavera! Polvilham-se de oiro as mimosas, ao crepúsculo riem, num riso diabólico, as peónias, vestem as magnólias os seus vestidos de baile: brancos, rosados, cor de lilás... saias compridas quase a roçar o chão. Para aquela, pequenina, toda empertigada, em bicos de pés, no seu tapete de veludo, é talvez este Inverno o seu vestido de baile. Tão nova ainda! Uma rapa-

paragem de quinze annos. E que nome terá aquella senhora tua
dita, toda de rosa, que me diz sempre adeus, quando passa, em
quelles gestos simmicos? É a outra, mais acaute, de leve um de
rosa, amarrada a colção minha, como uma chertigana? Ou que
tinha cogitado todas as convenções artisticas, sentimentaes, inteli-
tuaes, todas as convenções que a minha poderosa imaginação de uma
senhora fantástica e estranha, tem sabido fazer no tecido inu-
til da minha vida mediana, não cogite ainda, graças aos de-
ses, o arripio de praxe, o esturricamento de intimações, esta
é a senhora que se distende para trás e que é leve, grande e pura: faz
e abre em tanta de agrisante, ramunha de amore, ou gota de che-
va, cissas, linhas, perfumores, azas, todos os vellos visos que me con-
sulam do resto. Sou eu apenas uma fantástica?

12 - Faço as regras e gesto de jogos segura um folho de iolo. Um
folho, um folho de carne e esca, não me entremaria taboy, age-
a mas escom a este que é apenas amor nos meus braços.

10 - Encabrada Bela! Estranha abelha que dos meus braços cabi-
cei os vellos estrais fel! « Para que quere esta creatura a in-
teligencia, se não ha mais de um folho? » Regia, Fante, meu pra-
indignado. O enginno faz de te mais, grande é que tu voste ou

riguinha de quinze anos. E que nome terá aquela se-
nhora tão alta, toda de roxo, que me diz sempre adeus,
quando passo, em lindos gestos comovidos? E a outra,
mais adiante, de lenço cor-de-rosa amarrado à cabeça
airosa, como uma alentejana? Eu que tenho esgotado
todas as sensações artísticas, sentimentais, intelectuais,
todas as emoções que a minha poderosa imaginação
de criaturinha fantástica e estranha tem sabido bordar
no tecido incolor da minha vida medíocre, não esgotei
ainda, graças aos deuses, o arrepio de prazer, o estre-
mecimento de entusiasmo, este *élan* quase divino,
para tudo o que é belo, grande e puro: flor a abrir ou
tinta de crepúsculo, raminho de árvore, ou gota de
chuva, cores, linhas, perfumes, asas, todas as belas
coisas que me consolam do resto. Serei eu apenas uma
panteísta?

22 — Faço às vezes o gesto de quem segura um filho
ao colo. Um filho, um filho de carne e osso, não me
interessaria talvez, agora... mas sorrio a este, que é
apenas amor nos meus braços.

23 — Endiabrada Bela! Estranha abelha que dos mais
doces cálices só sabe extrair fel! «Para que quer
esta criatura a inteligência, se não há meio de ser
feliz?», dizia, dantes, meu pai, indignado. Ó ingé-
nuo pai de 60 anos, quando é que tu viste ser-

em a inteligência para tornar feliz alguém? Quando, ó ingenuo
pae de 60 annos? Se se pede ser feliz simplifiquemos, simplifiquemos
E sempre, arrancando, tirando, comagando, resuscitando; e a
intelligencia era em volta de nós com suas imensas de ondas, de
expressões, de deicticos, no meio de qual nemos deprezo e manfrega
que se resolve, que se debate em nós, que nós guere deaprovei-
tar sem estancas de encontro ao facto qualquer coisa que anda
longe... sabe de sol ou reflexo de estrelas. É tilis es astrii ma-
nam. Lá me alto, ó ingenuo pae de 60 annos!

24 - O Diário de Maria Bartkistreff é qualquer coisa de
profundamente triste, de tragicamente humano. Se não com-
preendo nenhuma palavra sobre o modo da morte. O espírito sem
morte, a vida da morte, a parca - a, a parca - a, indigna - a.
É a sua mesma presença. a. Il faudra donc mourir, misérable
à Paris? J'en ai très peur... Et je ne veux pas à... je veux en
être, mais, grand même et malgré tout... Mais corps pleure et
crie mais quelque chose qui est au... Deous de moi, se repaît
de vivre pour vivre... Mais que comença sobre! L'aria e amor,
guerra e gloria, o poder, a riqueza, guerra e felicidade, guerra
tudo. É viver com pouco mais de vinte annos gntando ab ao
gini para não guerra morrer. Como não comprehendem a que o

vir a inteligência para tornar feliz alguém? Quando, ó ingénuo pai de 60 anos?... Só se pode ser feliz simplificando, simplificando sempre, arrancando, diminuindo, esmagando, reduzindo; e a inteligência cria em volta de nós um mar imenso de ondas, de espumas, de destroços, no meio do qual somos depois o naufrago que se revolta, que se debate em vão, que não quer desaparecer sem estreitar de encontro ao peito qualquer coisa que anda longe: raio de sol em reflexo de estrelas. E todos os astros moram lá no alto, ó ingénuo pai de 60 anos!

24 — O Diário de Maria Bashkistseff é qualquer coisa de profundamente triste, de tragicamente humano. Só não compreendo naquela grande alma o medo da morte. O espectro da morte, a ideia da morte, apavora-a, espanta-a, indigna-a. É a sua única fraqueza. «Il faudra donc mourir, misérable.» «Mourir? J'en ai très peur... Et je ne veux pas.» «Je veux vivre, moi, quand même et malgré tout...» «Mon corps pleure et crie mais quelque chose qui est au-dessus de moi, se rejouit de vivre, quand même...» Mas que imensa alma! Queria o amor, queria a glória, o poder, a riqueza, queria a felicidade, queria tudo. E morreu com pouco mais de vinte anos gritando até ao fim que não queria morrer. Como não compreendeu ela que o

uma vontade pessoal a expulsa do seu maravilhoso palácio de
governos, de ambição, de amor, de glória, passava apenas um
realizado por essas lindas orações, penitências, e intercessões que
são a morte não escusar? Os seus vinte anos não chegaram
a compreender o alto e sublime símbolo das águas que se criam
em raras horas com as sombras que a dila, em ansejo
flua e refluxo, leva e traz constantemente. Porém assim trata-
da, porque não combate tu o movimento, exultante os ombros, e
em louco e desumano a Whitbread e de abozar?

Exercícios

1 - Chama, vento, terra, tristeza. e sempre a Florbela, a Flor-
bela, a Florbela. "Gostaria de entender os Cartos Magnos ou Semi-
rarnis, peregrinadora ou peregrinada, a chama ou a terra, Deu se
me entra, entra, entra! e não sabia sequer que os meus as-
ombros eram sombras a murmurar eterna todo período de verdades.
Os meus exercícios seriam meus, as minhas palavras pueras e
sem sombras, solares, pueras, lagrimosas, gargalhadas tudo isso
seria realmente meu. É uma gota de água sobre um rosto,
um resplendor de uma noite escura e um ramo de árvore
uma florista. Por tudo é a única forma de passar e ra-

único remate possível à cúpula do seu maravilhoso palácio de quimeras, de ambição, de amor, de glória, poderia apenas ser realizado, por essas linhas serenas, puríssimas, indecifráveis, que só a morte sabe esculpir? Os seus vinte anos não chegaram a compreender o alto e supremo símbolo das mãos que se cruzam, vazias dessa maré de sonhos, que a vida, em amargo fluxo e refluxo, leva e traz constantemente. Princesinha exilada, porque não soubeste tu murmurar, encolhendo os ombros, o teu doce e sereno *nitchevo* de eslava?...

FEVEREIRO

3 — Chuva, vento, dores, tristeza... e sempre a Florbela, a Florbela, a Florbela!! Gostaria de endoidecer: Carlos Magno ou Semíramis, perseguidora ou perseguida, a chorar ou a rir, *Eu* seria outra, outra, outra! Não saberia sequer que os meus sonhos eram sonhos: o mundo estaria todo povoado de verdades. Os meus exércitos seriam meus, as minhas pedras preciosas seriam minhas; cóleras, pavores, lágrimas, gargalhadas, tudo isso seria realmente meu. E uma gota de água seria um astro, uma espiguinha de erva, uma seara e um ramo de árvore, uma floresta. Ser doído é a única forma de *possuir*

massicira de ou alguma coisa de firme neste mundo.

4 - O Bela imbecil, trouxa, como tu fizias, invias juredo. Trouxa... trouxa de farrapos, miseravelmente esfarapado. Dentão, teu tabog vir e putarias; o vestido de Cendrillon, a coroa de cusas de Tatiana, a esmeralda de colar, a lampada de oblatom, a tanga do rei de Thule. Quem sabe, se ainda ninguém a deu?...

5 - Ah minha vida! Que gachis! Se eu não me fosse rei o que quises!

16 - Que personagem constante e destituida de comanche adota o La Volte ou Louise v! - Se me demande vingt fois, un soir, se je me coucherais à neuf heures ou si je courrais au dancing et je balance encore, à onze heures, entre un pyjama pris sur le lit et un smoking pris sur la chaise. Le gachis se este paa-tel de que as mulheres o perseguiriam! Um homem sem ver-tade, sem energia, sem coragem, nunca pode ser verdadeiramente amado.

Ah, meu homem, e um belo impussivel trançar me um ce-minho por onde eu quisesse passar!

e a maneira de ser alguma coisa de firme neste mundo.

4 — Ó Bela imbecil, *trouxa* como tu dizias, irmão querido. Trouxa... trouxa de farrapos, miseravelmente esfarrapados. Dentro, há talvez oiro e pedrarias, o vestido de Cendrillon, a coroa de rosas de Titânia, a esmeralda de Nero, a lâmpada de Aladim, a taça do rei de Thule... Quem sabe se ainda ninguém a desatou?...

6 — A minha vida! Que *gâchis!* Se eu nem mesmo sei o que quero!

16 — Que personagem irritante ^{a?} o deste romance idiota *La ville du Sourire!* «Je me demande vingt fois, un soir, si je me coucherai à neuf heures ou si je courrai au dancing et je balance encore, à onze heures, entre un pyjama posé sur le lit et un smoking posé sur la chaise...» E gaba-se este pastel de que as mulheres o perseguiam!... Um homem sem vontade, sem energia, sem coragem, nunca pode ser verdadeiramente amado. Ah, ser homem, e um belo impossível trancar-me um caminho por onde eu quisesse passar!

19 - Que me importa a estirpa dos outros se eu tenho a minha? Que me importa a existência do mundo se eu sou eu? Que importa o decalento da vida se há a morte? Com tantas perguntas que se põem-me perante? E os meus olhos e a minha alma, e os meus sonhos, e os meus e a coisa, e a canção dos sapos nos ervas húmidas e a minha charmeira alentejana e os choros vertidos de esta Beira-Alta e o ressonar dos arcanjos e o murmúrio das montanhas e as coisas e a vida? Napoleão de ouro que impérios derrota? Que mundos guerra com guerra? Estes, de verdade, atitudes de deuses de grandezas!

22 - O olhar é um facto concreto - me mais profundamente que um olhar humano. Há lá dentro uma alma que quer falar e não pode, punhada e encurtada por qualquer coisa má: olhar grande espaço de compreensão, talvez - me, orgulho os meus olhos aos olhos de meu cão: tu que queres? E os olhos respondem-me e eu não entendo: e há, três quartos partes, a compreensão a qualquer hora, a angustiosa ansiedade de qualquer olhar! Afinal de que têm os seus olhos, ó gentes?

23

A vida tem a simplicidade de um sonho. E quem sabe se real

19 — Que me importa a estima dos outros se eu tenho a minha? Que me importa a mediocridade do mundo se *Eu* sou *Eu*? Que importa o desalento da vida se há a morte? Com tantas riquezas porque sentir-me pobre? E os meus versos e a minha alma, e os meus sonhos, e os montes e as rosas e a canção dos sapos nas ervas húmidas e a minha charneca alentejana e os olivais vestidos de Gata Borracheira e o assombro dos crepúsculos e o murmúrio das noites... então isto não é nada? Napoleão de saias, que impérios desejas? Que mundos queres conquistar? Estás, decididamente, atacada de delírio de grandezas!...

22 — O olhar dum bicho comove-me mais profundamente que um olhar humano. Há lá dentro uma alma que quer falar e não pode, princesa encantada por qualquer fada má. Num grande esforço de compreensão, debruço-me, mergulho os meus olhos nos olhos do meu cão: tu que queres? E os olhos respondem-me e eu não entendo... Ah, ter quatro patas e compreender a súplica humilde, a angustiosa ansiedade daquele olhar! Afinal... de que tendes vós orgulho, ó gentes?...

23

A vida tem a incoerência dum sonho. E quem sabe se real-

mente estarem a dormir e a sonhar e acabamos por des-
partar um dia? Será a esse despertar que se costuma chamar
Deus?

28 - Estão tão magenta! A Larissa vai correndo a lancha, a
pauco e pauco, mas insularmente, uma reguame. Será tua
por alma um momento ou uma labrega e sinto nela a febre
engasgada e misteriosa das obras incompletas ou mutiladas.

Marco

13 - O Luiz tem no entanto, embora o não confesse, um fran-
de orgulho por não ser capaz de amar verdadeiramente uma mulher.
Cosme e José, sendo ele tão inteligente, não compreende esta ver-
dade tão simples, que aquele que não tem nada para dar e que é
pobre? Cosme, mas suas aventuras sentimentais, dá, em tro-
ca de pedras preciosas dinheiro falso e, como está um dia e
que tem, eles são sempre pedras preciosas e ele continua a dar
dinheiro falso e, quando chegar a morte, terá ignorado seus dois
maiores prazeres da vida - o prazer de possuir pedras preciosas
e o prazer de as dar.

mente estaremos a dormir e a sonhar e acabaremos por despertar um dia? Será a esse despertar que os católicos chamam Deus?

28 — Estou tão magrita! A lâmina vai corroendo a bainha, a pouco e pouco, mas implacavelmente, com segurança. Devo ter por alma um diamante ou uma labareda e sinto nela a beleza inquietante e misteriosa das obras incompletas ou mutiladas.

MARÇO

2/ 13 — O Luís tem no íntimo, embora o não confesse, um grande orgulho por não ser capaz de amar doidamente uma mulher. Como é que, sendo ele tão inteligente, não compreende esta verdade tão simples: aquele que não tem nada para dar é que é pobre? Assim, nas suas aventuras sentimentais, dá, em troca de pedras preciosas, dinheiro falso e... como cada um dá o que tem, elas dão sempre pedras preciosas e ele continua a dar dinheiro falso. E, quando chegar a morte, terá ignorado dois dos maiores prazeres da vida: o prazer de possuir pedras preciosas e o prazer de as dar.



Os versos que te fiz

Deixa dizer-te os lindos versos raros
Que a minha boca tem pra te dizer !
São talhados em mármore de Paros
Cinzelados por mim pra te oferecer.

Têm dolência de veludos caros,
São como sedas pálidas a arder ...
Deixa dizer-te os lindos versos raros
Que foram feitos pra te endoidecer !

Mas, meu Amor, eu não tos digo ainda ...
Que a boca da mulher é sempre linda
Se dentro guarda um verso que não diz !

Amo-te tanto ! E nunca te beijei ...
E nesse beijo, Amor, que eu te não dei
Guardo os versos mais lindos que te fiz!

Florbela Espanca

Eu ...

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada ... a dolorida ...

Sombra de névoa tênue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber porquê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver,
E que nunca na vida me encontrou!

Florbela Espanca

Certidão de baptismo ~~de~~ bebê

Certifico que, (1) no livro de baptismos desta freguesia da Alfama Senhora de Bonceicões, matriz da Vila Viçosa Alfama de 1875/16 consta que no dia vinte do mês de junho do ano de mil oitocentos e noventa e cinco, foi baptizado neste região de paróquia, matriz da freguesia de Alfama Senhora de Bonceicões concelho de Vila Viçosa Diocese de Braga um individuo do sexo feminino com o nome de Fleur Bella, o qual nasceu (2)

na Alfama do Ugerino, desta mesma freguesia em rito de legitimado de mil oitocentos e noventa e quatro, filho illegítimo de (3) pai incognito e materna de Antónia de Bonceicões solteira, menorista, nativa e moradora nesta freguesia na Alfama do Ugerino
 Neto paterno de avós incognitos
 e de _____
 e materno de avós incognitos
 e de _____

Foram padrinhos (4) Passil da Silva Barros, solteiro, negociante e Mariana do Barro inglesa Tapauca, casada, de médico
 A margem (5) de Prós do lado: P. Antónia Joaquina Bocha Tapauca. A margem: foi pe filhada por seu pai José Manoel Tapauca ou José Manoel Tapauca
 e _____

Por ser verdade passo a presente que assino.

Paróquia de matriz da Vila Viçosa
 em 13 de Junho

O Pároco, P. Antónia Bocha Tapauca Barros Tapauca



Timbre n.º 1
quando for
devida

(1) do livro de baptismo desta freguesia de... a fls. ou de um documento autêntico, passado pela Conservatória do Registo Civil de... de... ou pelo Pároco de... (2) Freguesia da naturalidade. (3) Nome e naturalidade dos pais. (4) Estado e profissão. (5) Encontra-se o seguinte averbamento... ou não se encontra qualquer averbamento. N. B. — Apor sempre o selo branco ou carimbo da paróquia.

Fanatismo

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida
Meus olhos andam cegos de te ver !
Não és sequer a razão do meu viver,
Pois que tu és já toda a minha vida !

Não vejo nada assim enlouquecida ...
Passo no mundo, meu Amor, a ler
No misterioso livro do teu ser
A mesma história tantas vezes lida !

"Tudo no mundo é frágil, tudo passa ..."
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim !

E, olhos postos em ti, digo de rastros :
"Ah ! Podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus : Princípio e Fim ! ..."



Poetas

Ai as almas dos poetas
Não as entende ninguém;
São almas de violetas
Que são poetas também.

Andam perdidas na vida,
Como as estrelas no ar;
Sentem o vento gemer
Ouvem as rosas chorar!

Só quem embala no peito
Dores amargas e secretas
É que em noites de luar
Pode entender os poetas

E eu que arrasto amarguras
Que nunca arrastou ninguém
Tenho alma pra sentir
A dos poetas também!

Trazes-me em tuas mãos de victoriosos
Todos os bens que a vida me negou,
E todo um rosceiral, ca abeir, glorioso,
Que a solitaria estrada perfumou.

Sente-me. Sêa limpido, radioso,
Sinto o teu coração que Deus Talhou
Um pedaço de bronze luminoso,
Como um berço onde a vida me poizou.

O silencio, em redor, é uma aja quieta...
E a tua boca que sorri e ansia,
Lembra um calix de Tulipa entreaberta...

Cheira a ervas amargas, cheira a sandalo...
E o meu corpo ondulante de areia
Dorme em teus braços masculinos de sandalo...

(Inédito)

Bela

A DEPRESSÃO DE FLOR BELA LOBO NA POESIA DE FORBELA ESPANCA

Por Maria Nazaré Batista

A DEPRESSÃO

A depressão é um transtorno psíquico que pode se desencadear em qualquer idade, mas é muito comum na adolescência e início da idade adulta. Pode surgir após um acontecimento traumático, uma perda, uma mudança brusca no modo de vida ou de forma súbita, sem causa detectável, embora, muitas vezes, surjam já na infância sinais que escapam à observação dos mais próximos. A intensidade varia de indivíduo para indivíduo, podendo ir de uma tristeza administrável a um desinteresse tão profundo por tudo que leva ao suicídio. Os sintomas igualmente variam, incluindo alterações no sono (insônia ou sono excessivo), no apetite (anorexia ou fome compulsiva), alterações do humor (apatia ou irritabilidade), etc. Mas, o que está na base de todos os sintomas são: *inibição psíquica* (dificuldade para interagir, indiferença, perda total ou parcial dos nexos afetivos); *estreitamento do campo vivencial* (perda de interesse por atividades que antes eram prazerosas) e *sofrimento moral* (angústia, sensação de vazio e de inutilidade e muita solidão)

De tudo quanto li a respeito de Florbela Espanca (Flor Bela Lobo, seu nome de batismo) julgo perceber a tendência de atribuir a uma vida cheia de tragédias, a presença constante da Dor e da Morte como temas na sua poesia. Mas, observo que a tragédia realmente marcante em sua vida (a morte do irmão) é posterior ao início de sua produção literária e não seria, portanto, a causa para essa recorrência. Entendo como mais plausível a necessidade de expressar poeticamente o sofrimento de um transtorno psíquico já perceptível na infância: a depressão.

Os sinais estão presentes desde sua infância. Seu primeiro poema conhecido é de 11 de novembro de 1903, quando ela tinha oito anos e o título- *A vida e a morte*- mostra uma preocupação incomum para uma criança tão pequena. Seria já um sinal de sua tendência à depressão? Ela própria parece confirmar essa impressão em carta de 12-8-1930, a um amigo não nomeado, dizendo: “[...] *Aos oito anos já fazia versos, já tinha insônias e já as coisas da vida me davam vontade de chorar*”. Então, na adolescência o processo se instala, após um acontecimento não revelado, (mas não necessariamente trágico) que ela menciona em outra carta:

Eu não sou feliz, mas nem ao menos te sei dizer porquê. Nasci num berço de rendas rodeada de afectos, cresci despreocupada e feliz, rindo de tudo, contente da vida que não conhecia, e de repente, amiga, ao alvorecer dos meus 16 anos, compreendi muita coisa que até ali não tinha compreendido e parece-me que desde esse instante cá dentro se fez noite

Na idade adulta, aparecem, em palavras dela, os sinais básicos: inibição psíquica, estreitamento do campo vivencial e sofrimento moral. Na mesma carta em que fala do desencadear do seu mal-estar emocional diz: “*Se tu soubesses como são raras as pessoas que eu estimo!... [...] contento-me em desprezar quase todos, odiar alguns, estimar raros e amar um*”. Em outra carta de 02-08-1930, diz “*Perdão facilmente as ofensas, mas por indiferença e desdém: nada que vem dos outros me toca profundamente*” E, apesar da sua dedicação à poesia, sua biografia não revela nenhuma atividade contínua, salvo um período em que lecionou, tendo aparentemente, abandonado a atividade. Seus casamentos fracassado podem, também, se estudados detalhadamente, revelar essa dificuldade própria da depressão em estabelecer nexos afetivos sólidos e eficientes, o que junto a outros fatores que não

deparariam dela, os conduziu ao fim. Em suas cartas aos amigos, ainda que afetuosas e derramadas, parecem muito literárias e bem poderiam servir para elas, o que diz de si mesma: “A minha boca é tudo isso só em verso...na realidade é pálida, fria e inexpressiva como a boca de uma velhinha morta”. O seu sofrimento, o vazio, a insatisfação que nada preenche antes de aparecerem nos seus versos, estão nas suas confissões, nas suas insônias e no seu anseio declarado pela morte. E assim chegamos ao resumo do que estamos relatando, nas palavras da própria Florbela:

Hoje a minha sede de infinito é maior do que eu, do que o mundo, do que tudo, e o meu espiritualismo ultrapassa o céu. Nada me chega, nada me convence, nada me enche. Sou um pobre que nenhum tesoiro acha digno das suas mãos vazias. A morte, talvez... esse infinito, esse total e profundo repouso; [...] eu, que não sei o que é dormir uma noite inteira, dormir muitas, dormir todas e todos os dias e todos os anos, pelos séculos dos séculos! Só essa idéia me faz sorrir

Na sua poesia, julgo perceber a confirmação do que venho observando em sua vida pessoal. O que ela diz poeticamente, é fiel demais ao que revela de si mesma em cartas a amigo (ao desespero expressado, ao aparente vazio, à busca de um sentido para a vida e a idéia da morte como única paz possível) para ser mera expressão de um Eu-lírico. Observemos como essas palavras e frases da sua obra poética já foram ditas com outras palavras, em suas cartas.

“Livro de Mágoas...Dores...Ansiedades” (Este livro.p.13)

“Sou a crucificada... a dolorida.” (Eu. p.15)

“E minha triste boca dolorida” (Lágrimas ocultas. P.18)

“A minha dor é um convento” (Minha dor. p. 20

“E os meus vinte e três anos...(Sou tão nova!)

Dizem baixinho a rir:-_Que linda a vida!...

Responde a minha Dor:_Que linda a cova!”

(Dizeres íntimos.p.

“Ó chuva! Ó vento! Ó neve! Que tortura!

Gritem ao mundo inteiro está amargura

Digam isso que sinto que não posso!!...”

(Neurastenia.p23)

“Pequenina que a Mãe de Deus sonhou

Que ela afaste de ti aquelas dores

Que fizeram de mim isto que sou”

(Pequenina.p.24)

Do *Livro de Mágoas* (cópia xerográfica)

“A minha mocidade há muito pus

No tranquilo convento da tristeza”(;Renúncia.p44)

“Minh’ alma é a Princesa Desalento”(Princesa Desalento.p.48)

“Vejo-me triste, abandonada e só” (Hora que passa. P50)

Do *Livro de Sórora Saudade*

“Ser uma pobre morta inerte e fria,

Hierática, deitada sob a terra”(Divino instante.p135)

“Morte, minha Senhora Dona Morte,

Tão bom que deve ser o teu abraço!

Lânguido e doce como um doce laço

E como uma raiz, sereno e forte.”

Do livro *Reliquiae*

Apesar de reconhecer e apreciar a beleza, a força expressiva da poesia de Florbela Espanca, não vejo nela a representação da dor do humano existir, não a percebo como a voz que grita o dilaceramento e a solidão humana, como Cecília Meireles, por exemplo. Sua poesia me parece demasiado colada à sua biografia, demasiado pessoal para ser lida como a própria dor por quem dela se aproxime. Sinto sua obra poética como a expressão de uma mulher inteligente, culta, tentando expurgar um estado real de sofrimento moral: uma profunda depressão. Tanto que, teatralmente, artisticamente ou não, chegou ao suicídio de fato, como acontece em muitos casos de depressão, ainda nos nossos dias. Mais facilmente aconteceria na época dela quando o acesso às modernas terapias que podem ajudar e minimizar os riscos não estavam consolidadas.

Referências bibliográfica

www.prahoje.com.br/florbela/?page_id=2

www.psiqueweb.med.br?site?area=NO/LerNoticia&idNoticia+55

(Ballone, José Geraldo. Médico psiquiatra)

Pt.wikipedia.org/wiki/Depressão_nervosa

www.prahoje.com.br/Florbela/?page_id=59

Livro de mágoas. In Poemas de Florbela Espanca/Estudo introdutório, organização e notas de Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo, 1996

Afinado desconcerto.(contos, cartas, diário). São Paulo: Iluminuras.

Poesia de Florbela Espanca, v.2/Florbela de Alma da Conceição Espanca- Porto Alegre: L&PM ,2008
(Coleção L&PM Pocket)

www.cesnors.ufsm.br/textos_academicos/modelo



Projeto editorial e diagramação
Rosângela Trajano

Revisão
Dos autores

Telas e ilustrações gentilmente cedidas por
Miriam Carrilho

